



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**A CIÊNCIA RETRATADA PELA MÍDIA: ANÁLISE DA
ABORDAGEM DO CÂNCER DE MAMA PELA REVISTA *VEJA*,
DE 2001 A 2011**

CÍLIA B. MONTEIRO DE CARVALHO

RIO DE JANEIRO
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**A CIÊNCIA RETRATADA PELA MÍDIA: ANÁLISE DA
ABORDAGEM DO CÂNCER DE MAMA PELA REVISTA *VEJA*,
DE 2001 A 2011**

Monografia de graduação apresentada à
Escola de Comunicação da Universidade
Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para a obtenção do
título de Bacharel em Comunicação
Social, Habilitação Jornalismo.

CÍLIA B. MONTEIRO DE CARVALHO

Orientador: Prof. Dr. Paulo Vaz

RIO DE JANEIRO

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **A ciência retratada pela mídia: análise da abordagem do câncer de mama pela revista *Veja*, de 2001 a 2011**, elaborada por Cília B. Monteiro de Carvalho.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Gibaldi Vaz
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Marcio Tavares D'Amaral
Doutor em Letras pela Faculdade de Letras - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Eduardo Refkalefsky
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2011

FICHA CATALOGRÁFICA

CARVALHO, Cília B. Monteiro de.

A ciência retratada pela mídia: análise da abordagem do câncer de mama pela revista *Veja*, de 2001 a 2011. Rio de Janeiro, 2011.

Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Vaz

DEDICATÓRIA

A todos os queridos amigos que estiveram comigo tanto nos bons momentos como nos difíceis. Aos professores que tanto me ensinaram ao longo da vida. Aos meus amados avós paternos. E especialmente ao meu avô Louraldino Monteiro, que não está mais aqui, mas foi quem mais me apoiou no vestibular, início da faculdade e sempre exerceu o papel de um verdadeiro pai.

AGRADECIMENTO

A Deus, em quem continuo acreditando e a quem peço forças diariamente. E acredito estar sendo atendida.

Ao meu orientador, o professor Paulo Vaz, por todo o auxílio, pelo tempo que passou lendo este trabalho e pelas maravilhosas aulas de Comunicação e Psicologia, que despertaram em mim o interesse pelo tema aqui abordado.

Ao professor Eduardo Refkalefsky, que me orientou em pesquisas durante a graduação e muito me ensinou. E especialmente pelo carinho com que ele recebe os calouros e sempre se dedica aos alunos.

Ao professor Marcio D'Amaral, maior ídolo dos alunos da ECO de 2007/2, que, com suas incríveis aulas e transbordante sabedoria, me fez entender algo da maior importância: “só sei que nada sei”.

Ao professor Augusto Gazir, aquele que mais preparou minha turma de graduação para exercer o jornalismo na prática, e que deixou os alunos da ECO em sério prejuízo com o término de seu período como professor convidado.

Aos queridos chefes que tive ao longo desse tempo, que muito me ensinaram e incentivaram: Mônica Pantoja, Raphael Vandystadt, Geralda Alves, Claudia Jurberg e Sidney Coutinho.

Aos amigos e familiares, simplesmente por existirem e fazerem tudo valer a pena.

CARVALHO, Cília B. Monteiro de. **A ciência retratada pela mídia: análise da abordagem do câncer de mama pela revista *Veja*, de 2001 a 2011.** Orientador: Prof. Dr. Paulo Vaz. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2011. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho traça uma análise teórica da abordagem da ciência pela mídia, levando em consideração os seguintes fatores: espetacularização, juízo de verdade, critério de seleção daquilo que é notícia entre a produção científica, uso dos peritos, corpo e fator de risco. O estudo apresenta uma análise de caso sobre como a revista *Veja* abordou a temática do câncer de mama entre os anos de 2001 e 2011. Trabalha-se a hipótese de ausência do contraditório no jornalismo científico, além de problemáticas na relação perito-jornalista e na qualidade das informações fornecidas.

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. COMO A MÍDIA DESCREVE A CIÊNCIA.....	13
2.1 Juízo de verdade.....	14
2.2 A busca pela imortalidade e a espetacularização da ciência.....	19
3. COMO A MÍDIA SELECIONA O QUE É NOTÍCIA ENTRE A PRODUÇÃO CIENTÍFICA.....	25
3.1 Breve panorama da abordagem do jornalismo científico pela mídia e pela academia.....	26
3.2 Critério utilizado pela mídia para pautar a ciência.....	30
3.3 Conflito entre critérios de relevância para pautar a ciência.....	34
4. O USO DOS PERITOS.....	37
4.1 Critério de seleção dos peritos.....	38
4.2 Critério de seleção das aspas do perito.....	43
5. FATOR DE RISCO NA MÍDIA.....	47
5.1 Corpo como temática de interesse.....	48
5.2 O corpo e o risco na mídia.....	50
6. ESTUDO DE CASO DA REVISTA <i>VEJA</i>: COMO O VEÍCULO ABORDOU A TEMÁTICA “CÂNCER DE MAMA” DE 2001 A 2011.....	54
6.1 Análise das reportagens.....	55
6.2 Observações e dados conclusivos.....	63
7. CONCLUSÃO.....	67
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	68
ANEXO I.....	72

1. INTRODUÇÃO

O corpo é uma temática de grande interesse para os indivíduos e se tornou um assunto recorrente na mídia, principalmente a partir da década de 1980. Nesta época surgiram revistas especializadas em ciência e saúde e os veículos voltados para as grandes massas também passaram a abordar esses temas em editoriais específicas. Habitamos uma sociedade que cultua o corpo e quer conhecer tudo aquilo que for capaz de potencializá-lo e deixá-lo mais belo, jovem e saudável. Nesse sentido, a ciência trabalha a serviço do corpo e constitui um saber fundamental a uma cultura de valorização da beleza e do cuidado com a saúde, que busca pela juventude prolongada. As inovações e descobertas da ciência se tornam cada vez mais poderosas e impactantes, especialmente com a evolução da tecnologia, e ganham mais e mais espaço nas páginas de jornais e revistas, nos sites e na TV.

Os cientistas e especialistas procuram não apenas pela cura de doenças, mas também por formas de preveni-las, o que é essencial a uma sociedade que almeja um corpo saudável, aparentemente jovem e, em última instância, imortal. Com base essencialmente no cultivo de hábitos saudáveis e na identificação dos fatores de risco que propiciam o aparecimento das mais variadas enfermidades e distúrbios, especialistas procuram por formas de prevenção e proteção do corpo aos males que assolam a humanidade. A mídia e o jornalismo científico entram nessa dinâmica mediando a relação entre ciência e especialistas com o público leigo, através da difusão das descobertas e saberes referentes à saúde. Os indivíduos se mostram ávidos por conteúdo relacionado a uma área do conhecimento que tem, como função última, encontrar mais e mais formas de controlar o organismo humano e mantê-lo saudável. E esse desejo se traduz em um anseio de conquista da imortalidade do corpo, em substituição à antiga busca pela vida eterna no paraíso.

O jornalismo especializado em ciência se manifesta no Brasil desde os primórdios das publicações jornalísticas consumidas no país, que tiveram como principal mentor Hipólito da Costa, no século XVII. No entanto, foram necessários muitos anos para que a prática se aperfeiçoasse e se tornasse mais abordada pelos jornais diários e pelas revistas de grande circulação. O mesmo ocorreu em relação aos cursos de jornalismo, que demoraram a sistematizar vias de ensino voltadas à divulgação científica e até hoje necessitam de mais subsídios e produção de conhecimento para capacitar profissionais nessa área.

Diante da dimensão que os assuntos de ciência e saúde adquiriram para a sociedade, torna-se necessário, portanto, refletir sobre a prática do jornalismo científico e as problemáticas que ela apresenta no início do século XXI. O presente trabalho tem como objetivo discorrer teoricamente sobre como a mídia retrata a ciência, considerando variados aspectos: critérios de seleção das pautas e dos peritos que ganham voz nas matérias, critérios de seleção das aspas destes peritos, juízo de verdade atribuído à ciência, espetacularização do tema pelos veículos de comunicação e a presença do fator de risco na mídia.

Esta análise teórica foi feita a partir de pesquisas a obras de diversos autores que trabalham com o jornalismo científico, como Mônica Teixeira, Wilson Bueno e Warren Burkett. Para abordagens mais específicas, como as relacionadas ao fator de risco na mídia, culto ao corpo, análise do discurso midiático e busca pela imortalidade, serviram de base trabalhos de Paulo Vaz, Patrick Charaudeau, Pierre Bourdieu, Jean Baudrillard, entre outros autores responsáveis por estudos que ajudaram na construção do raciocínio apresentado neste trabalho.

Foi visto como a mídia retrata a ciência, levando-se em conta principalmente o juízo de verdade atribuído a esse saber e a espetacularização por parte do jornalismo científico. A voz do especialista é dada como incontestável pelo senso comum, o que muitas vezes leva o jornalista que escreve sobre ciência a não obedecer preceitos básicos do jornalismo, como ouvir mais de uma fonte apurar o caráter das informações fornecidas. Além disso, a mídia ostenta manchetes que tratam da ciência com tons de espetáculo, que muitas vezes não condizem com o conteúdo das respectivas reportagens e acabam por se mostrarem sensacionalistas, podendo causar falsas esperanças no público leitor.

Também foi verificado como o jornalista seleciona o que é notícia entre a produção científica, bem como ele faz uso dos peritos nas matérias. Levou-se em consideração que, após entrevistar um especialista, o jornalista precisa pinçar, entre tudo o que foi dito pelo perito, o que será aspas na reportagem. Assim, foi possível discorrer sobre estes processos e apontar críticas.

Com base na análise teórica, o trabalho também apresenta um estudo de caso da revista *Veja*, sobre como o veículo abordou a temática do “câncer de mama” entre os anos de 2001 e 2011. Neste estudo, que analisou cada matéria focada no assunto durante estes dez anos, procurou-se observar como os aspectos teóricos trabalhados anteriormente se apresentaram nas matérias da *Veja*. Foi verificado se cada uma delas

apresentava pesquisas, trazia especialistas, abordava fator de risco para o câncer de mama, colocava pontos de vista divergentes, dentre outras observações pertinentes.

A temática do câncer de mama foi escolhida por ser esta a doença que mais mata mulheres no Brasil e que, portanto, representa um desafio para a ciência e a medicina. Assim, o câncer de mama é tema recorrentemente abordado pelo jornalismo científico e os avanços da medicina na prevenção e combate a esta doença são de grande interesse da população. O câncer de mama também está muito relacionado ao fator de risco, termo que designa condições e características que aumentam a probabilidade de um indivíduo desenvolver determinada doença. Associado à ideia de redução das chances de se contrair doenças, o fator de risco se faz bastante presente na mídia e foi verificado nas matérias da *Veja* referentes a câncer de mama.

Além disso, foi relevante ao processo de escolha do tema o fato de que o câncer de mama mexe de forma brutal com a estética feminina. Mais do que qualquer outro tipo de tumor, ele abala a estrutura psicológica da mulher, sempre cobrada a estar de acordo com os padrões de beleza de uma sociedade que cultua o corpo. Também é uma doença cujo tratamento evoluiu significativamente nos últimos vinte anos, apesar de essencialmente depender do diagnóstico precoce para a cura.

Para o estudo de caso, a *Veja* foi escolhida por ser a revista de maior circulação nacional, com tiragem superior a um milhão de exemplares¹, e por ter grande credibilidade no mercado. É uma publicação semanal que trata de temas do cotidiano da sociedade brasileira e do mundo e vem dando grande espaço a matérias sobre ciência e saúde. A *Veja* surgiu em 1968 e é a maior referência naquilo que se propõe. Mesmo assim, a revista não deixa de ser alvo de críticas relativas a uma suposta parcialidade nas reportagens que publica.

Foram analisadas apenas as matérias em que o câncer de mama era o foco, ou, pelo menos, um dos principais assuntos abordados. No total, foram 20 matérias e 3 notas com este perfil. O estudo de caso traz essas 23 abordagens, analisadas uma a uma, com observações pertinentes baseadas na teoria vista ao longo do trabalho. Ao final da análise da *Veja* foram apresentadas conclusões e gráficos com consolidações numéricas dos resultados, numa tentativa de se quantificar e dar dimensão da presença dos elementos estudados no conteúdo analisado.

¹ Informação disponível na página da *Wikipédia* < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Veja>>. Acesso em 30 de outubro de 2011.

Para melhor compreensão da prática do jornalismo científico pela *Veja*, e como subsídio a este estudo, foi entrevistada a jornalista Paula Neiva, responsável por algumas das matérias analisadas e pela principal delas publicada pelo veículo sobre câncer de mama nos últimos dez anos. A jornalista levantou aspectos importantes como a diferença na profundidade dos textos referentes a ciência e saúde quando se consideram suportes distintos, como o online e o impresso. Esta observação instigou uma rápida avaliação sobre como essa diferença se apresentava na própria *Veja*.

Analisar reportagens sobre o câncer de mama e histórias de personagens que vivenciaram o drama da doença é uma tarefa bastante difícil. Foi preciso lançar um olhar crítico sobre o trabalho do jornalista, voltado à forma como ele desenvolveu a matéria, mesmo com a aura de sofrimento de uma doença que era considerada sentença de morte há poucos anos e que ainda abala a vida de muitas mulheres. Impossível não se emocionar com casos de mulheres que tiveram de retirar os seios afetados por tumores cancerígenos e passar por quimioterapia, difícil não vibrar com as histórias de superação estampadas nas páginas das edições da *Veja*.

No entanto, frente à dimensão e importância que o jornalismo científico adquiriu para a sociedade, trabalhos acadêmicos que refletem sobre essa prática são bastante relevantes e servem de subsídio para uma atuação mais consciente, tanto por parte dos jornalistas quanto dos especialistas, no que se refere a dar notícias e informar o público leigo sobre ciência e saúde. Desse princípio surgiu a maior motivação para a produção deste trabalho, que pouco ou nada representa diante das produções de grandes pensadores do tema abordado, mas que foi feito com o intuito dar continuidade a uma discussão em torno de uma temática extremamente importante.

2. COMO A MÍDIA DESCREVE A CIÊNCIA

Popularização da ciência ou divulgação científica (termo mais utilizado pela literatura) se define como o uso de processos e recursos técnicos para a comunicação da informação científica e tecnológica ao público em geral. Nesse sentido, divulgação supõe a tradução de uma linguagem especializada para uma leiga, visando atingir um público mais amplo. É neste contexto que se insere o papel do jornalismo científico. Este diz respeito à divulgação da ciência e tecnologia pelos meios de comunicação de massa, segundo os critérios e o sistema de produção jornalísticos.

Nos jornais impressos diários, pouco é o espaço dado a essa especialização do jornalismo. Segundo Amorim e Massarani (2008), o jornal *O Globo*, por exemplo, publica, em média, de duas a três matérias na editoria de ciência por dia. Esse espaço normalmente é bastante limitado, principalmente quando se considera o tamanho total do jornal (a editoria de ciência tem no máximo duas páginas por edição do impresso). O espaço restrito acaba por dificultar a escolha do que será publicado por parte dos editores. Também de acordo com o estudo de Amorim e Massarani, o jornal *Folha de São Paulo* publica de três a quatro matérias na editoria de ciência por dia e frequentemente é apontado como um dos de maior abordagem do jornalismo científico no Brasil.

Já as revistas estão abrindo cada vez mais espaço à ciência. Temos revistas voltadas exclusivamente para o jornalismo científico, como é o caso da *Ciência Hoje*, por exemplo, e é possível perceber que publicações como as revistas *Veja* e *Isto é*, que tratam do cotidiano da sociedade e do mundo e abordam questões diversas, como política, religião, economia, cultura, etc, também vêm dando destaque à ciência e aos temas relacionados à saúde. Pontuando um exemplo de cada, a revista *Veja* do dia 04 de setembro de 2011 teve como capa a matéria “Parece milagre! – Um novo remédio faz emagrecer entre 7 e 12 quilos em apenas 5 meses. E sem grandes efeitos colaterais”. A *Isto é* também dá destaque aos assuntos da ciência, como fez no dia 21 de janeiro de 2009, colocando como capa a reportagem “Começa a seleção genética”, em que aborda a possibilidade de seleção dos embriões certos para a geração de bebês mais saudáveis.



Figura 1 - Capas das revistas *Veja*, de 04 de setembro de 2011², e *Isto é*, de 21 de janeiro de 2009³.

Considerando esse panorama, podemos observar duas características que a serem atribuídas a essa especialização do jornalismo: o juízo de verdade, que existe devido à credibilidade dada por parte da sociedade à voz do cientista, médico ou especialista; e a espetacularização, que aparece no jornalismo científico como uma forma de chamar a atenção do público para a leitura, se traduzindo em uma espécie de dramatização para envolver o leitor. E sem deixar de considerar a abordagem da saúde relacionada a um presumido poder do homem, que se torna mais e mais capaz de evitar o sofrimento e doenças. Trata-se do ser humano e suas táticas e técnicas a serviço de maior longevidade, substituindo sua antiga busca pelo paraíso pela preservação e extensão da vida.

2.1 O juízo de verdade

O mundo moderno, de forma geral, atribui à ciência tamanha credibilidade que a voz do cientista, médico, ou especialista acaba vinculada a um juízo de verdade que rege a sociedade no que diz respeito ao corpo e aos cuidados com a saúde.

² Disponível em < <http://www.netcina.com.br/2011/09/veja-parece-milagre-remedio-faz.html>>. Acesso em 5 de outubro de 2011.

³ Disponível em <http://ebooksgratis.com.br/revistas-mensais-e-mensais/revistas-isto-e-21-de-janeiro-de-2009-comeca-a-selecao-genetica/>> Acesso em 2 de outubro de 2011.

Compartilhamos e cultivamos, ao longo da modernidade, a crença de que a verdade da ciência não comporta versões, dado ser a ciência justamente o método mais perfeito desenvolvido pelo homem para a apreensão da verdade sobre tudo no mundo passível de ser tomado como objeto desse método (TEIXEIRA, 2002, p.134).

Os meios de comunicação voltados à divulgação científica se atrelam ao que pode ser assimilado pelo leitor como um “juízo de verdade”. Esta noção, implícita nas notas e matérias publicadas, demarca no conteúdo um caráter de absolutismo, vigor incontestável e até mesmo impossibilidade de erro. Assim, os resultados de uma pesquisa científica divulgados se apresentam como reflexo de uma verdade absoluta, pelo menos até que outras pesquisas provem o contrário, ou mostrem um panorama diferente.

Isso ocorre por uma série de fatores. Em primeiro lugar, tanto a imprensa, como o público, não podem confirmar os resultados dos estudos. A lógica é que as teses e dissertações já foram verificadas pelos pesquisadores, já venceram a etapa de se mostrarem sustentáveis e, assim, já podem ser levadas a sério pelos meios de comunicação e divulgadas ao público consumidor de informações. Não parece existir a preocupação, por parte dos jornalistas, de contrapor os estudos, mostrar diferentes pontos de vista. Se diferentes teses fossem habitualmente contrastadas, o público leitor teria a oportunidade de observar os assuntos tratados de maneira mais global, o que lhe daria subsídios para validar em seu juízo a melhor tese a acreditar.

Analisando propriamente o conteúdo veiculado pela mídia, é possível perceber que a maioria das matérias se utiliza dados numéricos e comparações para dar credibilidade e noção de dimensão ao que está sendo dito, além de trazer informações para o leitor. Eles podem aparecer ao longo do texto ou em quadros fora do texto, acrescentando informações. Os dados numéricos também se aproximam de estratégias de referencialidade, pois comprovam que a pesquisa é real e foi testada. Assim, eles são aplicados como uma forma de demonstrar a validade da pesquisa. A estratégia de referencialidade também aparece em matérias que utilizam pessoas comuns como fontes. Essa é uma forma de fazer com que o leitor reconheça as pessoas como existentes e, por isso, dê credibilidade ao que está sendo dito. Por exemplo, quando se fala sobre a eficácia de determinado tratamento, ouvir um paciente que representa um caso de sucesso pode ser uma maneira de validar o processo e a chance de cura de

determinada doença ou distúrbio perante o público. É uma forma de fazer com que o leitor se identifique com aquele paciente e entenda que se funcionou com ele, pode funcionar com qualquer um.

Uma pesquisa realizada pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT)⁴, em 2007, que considerou a totalidade de regiões do Brasil, ajuda a demonstrar a credibilidade dada à ciência e à voz do cientista. A comunidade acadêmica foi o grupo melhor avaliado em relação ao aspecto da credibilidade pública. Em resposta à pergunta “Se você desejar receber informações sobre algum assunto importante para você e para a sociedade, quem te inspira menor confiança como fonte de informações?”, apenas 2% dos entrevistados escolheram “cientistas que trabalham em universidades”.

Este trabalho também destacou a importância dada pelos entrevistados à ciência: 70% deles optaram pela resposta “concordo totalmente” e outros 21% por “concordo em parte” com a afirmação “As empresas privadas brasileiras devem investir mais na pesquisa científica e tecnológica”. Já em relação à sentença “Os governos devem aumentar os recursos que destinam à pesquisa científica e tecnológica”, 68% das pessoas ouvidas optaram por “concordo totalmente” e outras 21% responderam “concordo em parte”.

A essa exaltação da ciência chama-se cientificismo, cuja concepção consiste na determinação do método científico como sendo o único dos saberes válidos para se obter a verdade sobre as coisas (ARANHA E MARTINS, 1993). O triunfalismo com que a ciência passou a ser tratada acabou por gerar uma espécie de dogmatismo científico – gradativamente, a visão cientificista do mundo deixa a população ávida por novos discursos sobre a natureza, a vida e o universo.

Para Thuillier (*apud* EPSTEIN, 2002), o cientificismo é baseado em dois axiomas: no da “superioridade teórica”, em que o conhecimento científico é considerado o único autêntico e confiável, e no da “superioridade prática”, que defende que o conhecimento científico serve de base para resolver todos os problemas da humanidade. De acordo com Chauí (2005, p.235) a compreensão cientificista da ciência provocou uma espécie de “mitologização” ou mesmo “divinização” na qual

⁴ Referência da pesquisa:

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA — “Percepção Pública da Ciência e Tecnologia”. Apresentação. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia/Secretaria de Ciência e Tecnologia para Inclusão Social/Departamento de Popularização e Difusão da C&T, 2007.

Há a crença na ciência como se fosse magia e poderio ilimitado sobre as coisas e os homens, dando-lhes lugar que muitos costumavam dar às religiões, isto é, um conjunto doutrinário de verdades intemporais, absolutas e inquestionáveis (CHAUÍ, 2005, p.235)

E a “ideologização”, cuja crença consiste na certeza que o progresso e a evolução dos conhecimentos científicos um dia “explicarão totalmente a realidade e permitirão manipulá-la tecnicamente, sem limites para a ação humana” (CHAUÍ, 2005, p.235).

No entanto, apesar de serem combatidas radicalmente por pensadores e filósofos da ciência, a superioridade epistemológica, a ideologização, a mitologização e divinização da ciência acabaram por colaborar com a criação do estereótipo da neutralidade científica. E é justamente no fortalecimento e reprodução dessa imagem da ciência que se concentram as críticas e advertências ao jornalismo científico, de acordo com França (2005). A essa questão ainda também está atrelado o fato de que tanto o trabalho do cientista como o do jornalista são diretamente vinculados ao princípio da verdade. Assim, a infração do princípio da busca pela verdade por ambas as classes não ocorre sem que acarrete a perda de credibilidade e a descaracterização da prática profissional.

Moreira (2002) traçou um panorama do estado em que se encontra a prática jornalística sobre ciência:

De uma maneira geral, o jornalismo científico brasileiro ainda é, em grande parte, calcado em uma visão mistificada da atividade científica, com ênfase nos aspectos espetaculares ou na performance genial de determinados cientistas. A ênfase nas aplicações imediatas da ciência é também generalizada. Raramente são considerados aspectos importantes na construção de uma visão realista sobre a ciência, como as questões de risco e incertezas, ou o funcionamento real da ciência com suas controvérsias e sua profunda inserção no meio cultural e socioeconômico (MOREIRA, 2002, p. 63).

Outro ponto a ser discutido, já citado anteriormente, é a tendência das matérias de jornalismo científico apresentarem apenas uma fonte, característica que também pode ser denominada como “ausência do contraditório” (FRANÇA, 2005). Para França (2005, p. 31-32), uma das premissas do jornalismo é a “noção de que não

existe informação neutra, objetiva e isenta de interesses” e, consequentemente, faz parte da atividade do jornalista “apontar as condições em que se deu a notícia para que o leitor tire suas conclusões”. Assim considerando, o jornalista tem o dever de apresentar ao leitor os vários lados, ângulos e pontos de vista de uma questão, através de fontes e declarações diversas. Muitas vezes essas declarações podem ser controversas, para que informem com a maior isenção possível, sem a pretensão de dar ao leitor uma informação com caráter de palavra final.

Normalmente, repórteres de editorias como economia e política vão além de *releases* oficiais para comprovar a veracidade das notícias; já os jornalistas que escrevem sobre ciência costumam se contentar com *papers* (relatórios científicos), entrevistas e informações veiculadas em revistas especializadas, voltadas ao meio acadêmico. Em grande parte das notícias sobre ciência, não existe o contraditório.

Quando é divulgado um trabalho científico sem que haja a preocupação de citar outras conclusões, opiniões ou visões sobre o mesmo assunto, é dada ao leitor a impressão de que aquele trabalho representa uma verdade absoluta. O papel do jornalista acaba então não sendo muito diferente daquele que seria de um assessor de imprensa do pesquisador entrevistado (FRANÇA, 2005).

A concepção cientificista do mundo acaba por influenciar na prática do jornalismo científico, que parece sofrer do mal da ausência do contraditório. As estratégias de referencialidade, como os dados numéricos, que aparecem reforçando e ilustrando o conteúdo veiculado pelo jornalismo científico, poderiam também ser empregadas no intuito de criar contrastes e contrapor dados de diferentes estudos sobre um mesmo assunto. Assim, ao passo que a sociedade atribui um juízo de verdade ao que é fruto de pesquisas científicas e ao que é dito pelos cientistas, médicos e especialistas, falta esforço por parte dos jornalistas para mudar a visão positivista da ciência, sustentada pelo público em geral. E, como uma via de mão dupla, a própria visão positivista da ciência por parte do público leitor é um fator que também influencia a prática de um jornalismo científico carente da presença do contraditório.

Parece que se torna mais relevante a exposição da ciência pela mídia com a finalidade última de afirmar o poder de controle do homem sobre a saúde e a vida. E aquilo que demonstra de alguma forma esse potencial adquire caráter de verdade diante da sociedade, ávida por assimilar tudo o que for capaz de contribuir para o aumento do tempo e qualidade de vida.

Todos almejamos a imortalidade. É a nossa fantasia final, uma fantasia que também está em curso em todas as nossas ciências e tecnologias modernas – em curso, por exemplo, no congelamento profundo da suspensão criônica e na clonagem, em todas as suas manifestações (BAUDRILLARD, 2001, p.09).

Portanto, a ciência não deixa de ser uma ferramenta rumo à imortalidade, a fantasia final do ser humano. Partindo desta ideia, é possível compreender por que a ciência desperta tanto o interesse do público em geral e vem sendo cada vez mais pautada pelas diferentes mídias.

2.2 A busca pela imortalidade e a espetacularização da ciência

Segundo Zamboni (2001), a divulgação científica acontece com a formulação de um novo discurso, que se afasta do discurso científico para se aproximar do público leigo. O novo discurso não abandona completamente o discurso científico, ele mantém elementos desse discurso, porém, há uma mudança de finalidade adicionada à nova formulação discursiva.

O jornalismo científico consiste em uma relação entre os discursos científico e jornalístico. Ele lida com duas atividades consideradas discursivas, pois, de acordo com Pippi e Peruzzolo (2003), elas representam grupos que possuem formas próprias de se legitimar entre seus pares e perante a sociedade. O jornalismo científico funde esses dois elementos representativos em uma única mensagem. Por isso, seu discurso é descrito por Peruzzolo (2004) como um entre sujeitos, que mobiliza subjetividades, marcas destes sujeitos.

Assim, é possível avaliar que a divulgação científica trabalha com uma problemática na comunicação que tem como instância última partilhar o saber. Ela tem como missão levar a um público amplo conhecimentos sobre ciência e, por isso, precisa “transformar em inteligível para muitos a linguagem hermética e difícil da ciência, entendida apenas por poucos” (ZAMBONI, 2001, p.49).

A reformulação discursiva, segundo Jacqueline Authier-Revuz (2004) consiste na reformulação de um discurso-fonte, o científico, em um discurso segundo, o jornalístico. De acordo com ela, no jornalismo científico, o enunciador não apenas reformula o discurso científico, pois ele também realiza um trabalho ativo de construção de um novo discurso, compondo uma nova formulação discursiva.

Peruzzolo (2004) define como estratégias de enunciação a posição que o

enunciador adota para si ao longo do discurso. Elas aparecem como marcas do enunciador que, de acordo com o efeito que se deseja produzir, ora utiliza-se da neutralidade/afastamento do texto, ora opta pela proximidade.

Uma das marcas do discurso científico é a utilização de uma linguagem que se mostre objetiva e imparcial. Pippi e Peruzzolo (2003) destacam que o pesquisador, ao organizar um texto, procura manter-se afastado, utilizando a linguagem na terceira pessoa e evitando o uso de expressões autorais. É como se o papel do pesquisador fosse somente organizar um conhecimento pré-existente e descrever seu trabalho.

O texto científico se utiliza da intertextualidade explícita para mostrar suas fontes, ou seja, cita referências que fundamentam o estudo. O objetivo é deixar claro que outros cientistas e estudos fundamentaram aquele trabalho, fruto de um saber construído anteriormente.

A narrativa convencional costuma esquematizar fenômenos e, se adotada como linguagem para o jornalismo, burocratizaria o processo de produção da notícia. Rompendo com esse discurso, adequado à produção científica, as editorias de saúde, que vem se reproduzindo cada vez mais em publicações de ampla tiragem, tem como missão levar ao público a mensagem dos cientistas, sem deformá-las, e, ao mesmo tempo, sem burocratizar a informação.

Pippi e Peruzzolo (2003) destacam que o discurso científico procura se caracterizar por precisão e exatidão. Nas matérias jornalísticas, a precisão e exatidão científicas são exemplificadas por meio da explicação de como a metodologia da pesquisa foi aplicada ou afirmação de dados numéricos, quantificando os resultados. Os textos das editorias de ciência e saúde também se utilizam de jargões científicos explicados ou simplificados, para tentar aproximar o que está sendo dito do universo do leitor.

Mas, de acordo com Flores e Silveira (2010), os elementos do texto científico apropriados pela formulação discursiva do jornalismo servem para finalidades diferentes daquelas consideradas próprias ao discurso científico. Além de efeitos de credibilidade, eles também servem de base para a produção de efeitos de dramatização, que têm por objetivo captar o leitor. Essa dramatização torna-se característica, ainda que inadequada, do discurso jornalístico, que precisa definir, entre os acontecimentos e fatos das mais diversas áreas da sociedade e da natureza, o que é notícia, o que é de interesse público. Ou seja, a simples tradução do discurso científico nem sempre basta, pois é preciso contar uma história que seja de interesse

do leitor.

No discurso midiático, Patrick Charaudeau (2006) acredita que há três visadas, que se combinam em diferentes intensidades e não atuam separadamente: a do fazer crer, a do fazer saber e a da captação, que ele chama de visada do páthos. A visada de fazer crer tem caráter prescritivo; a de fazer saber se refere à transmissão de informação e é vista como uma visada central nos discursos científico e jornalístico; Já a visada do páthos se relaciona com as estratégias discursivas de enunciação e de referencialidade e consiste em fazer sentir, ou seja, utiliza-se de recursos de dramatização e encenação da informação, que movem a afetividade do leitor com o intuito de fazê-lo se interessar pelo texto. Apesar de semelhantes quanto à transmissão de informação, os discursos científico e jornalístico se diferenciam pela intensidade da visada do páthos. Para atrair o público e gerar interesse pela leitura, o discurso jornalístico se utiliza da visada do páthos, enquanto o discurso científico não está incumbido dessa necessidade, ele informa, descreve, e normalmente apresenta a linguagem própria do cientista, de forma a normalmente não atrair o público leigo.

Segundo Charaudeau (2006), o princípio da emoção, que caracteriza a visada do páthos, faz com que a instância midiática encene o discurso da informação, baseada nos apelos emocionais e nas crenças que circulam na comunidade de leitores, pois, ainda de acordo com o autor, as emoções são socializadas na comunidade.

A visada da captação ou do páthos utiliza recursos para atrair a atenção do leitor, como quadros, manchetes e fotos. Nas manchetes, geralmente aparecem palavras impactantes, atraentes, de efeito. Amaral (2006) diz que a matriz melodramática tem sua origem no folhetim e se relaciona a notícias *fait divers*, ou seja, notícias sem maiores repercussões, que trazem informações apenas no âmbito da curiosidade. Segundo Charaudeau (2006), são as matérias ditas curiosas as que mais se aproximam da visada da captação. Jesús Martín-Barbero (1987) caracterizou a matriz simbólico-dramática como não relacionada a conceitos e a generalizações. Assim, essa matriz difere de uma matriz racional-iluminista e se liga a imagens e situações e interpela os leitores pela subjetividade. Utilizando essa linha de raciocínio, pode soar até mesmo paradoxal que o jornalismo científico se utilize tanto da visada do páthos, ao passo que seu objetivo principal é informar com objetividade e até mesmo conceituar.

Consideradas tais características do discurso midiático e as finalidades dos discursos científico e jornalístico, é válido destacar que há teóricos, como Teixeira

(2002), que apontam o jornalismo científico, ou pelo menos vertentes dele, como sensacionalista. A autora acredita que isso ocorre justamente porque o acontecimento que não causa espanto, ou uma sensação, não tem como preencher os requisitos de uma notícia. Para Teixeira (2002), as reportagens de ciência são sensacionalistas porque, ao se deixarem confundir com a fonte, afirmam resultados que são fruto do reducionismo que marca a prática científica sem nunca explicitá-lo. Dessa maneira, por aderir à palavra do cientista como sendo aquela que deve ser reproduzida e não questionada, o jornalista relata o que vale nas condições especiais do experimento, e nem sempre isso fica claro ao público leitor.

O resultado de uma pesquisa científica, quando divulgado ao público leigo, pode parecer ter proporções muito maiores do que realmente tem e causar a impressão de que possui uma aplicabilidade na vida do ser humano que ainda não possui e talvez nem venha a possuir, por ter sido apenas uma experiência, bem sucedida nas condições em que foi realizada.

As conclusões de artigos científicos, matéria-prima da maior parte da produção jornalística sobre ciência, aplicam-se estritamente no âmbito daquelas condições estabelecidas (no experimento). Afirmar a parte pelo todo, sem mencionar que a parte não é o todo: eis a maneira pela qual a ciência “traduzida” pelos jornalistas faz-se sensacionalista (TEIXEIRA, 2002, p. 140).

O jornalista de ciência, ao formular uma afirmação como “Descoberto o gene da obesidade”, nem sempre deixa claro que tais resultados se referem a experimentos realizados com cobaias, em que a definição do parâmetro de obesidade pode ser bem diferente do que seria para o ser humano. “A afirmação, assim, transforma a polegada de conhecimento obtida em princípio de validade geral. Comete imprecisão e exagera – faz sensacionalismo”, conclui Teixeira (2002) sobre o assunto.

Assim, é possível identificar que, na medida em que jornalismo científico tem como missão informar, traduzir o discurso científico para o público leigo, e deve ser preciso e compreensível, ele também necessita formar seu público leitor e vender textos atraentes, que chamem a atenção. E é justamente nesse exercício de atrair o público que o jornalismo científico explora o que é curioso, abusa de manchetes chamativas, como “Parece milagre!”, e pode se exceder, dando margem à prática de

um jornalismo que atua espetacularizando a ciência. É como se o leitor esperasse, a cada publicação sobre ciência, o próximo “milagre”, a próxima descoberta que trará soluções na área da saúde e, conseqüentemente, longevidade. O jornalismo científico mostra que sabe aproveitar a avidez do público por curas, remédios inovadores e fórmulas do rejuvenescimento e parece sempre pronto para apresentar novos “espetáculos da ciência” através de reportagens.

O jornalismo científico aparece incentivando a busca pela imortalidade e validando as novas técnicas e soluções da ciência que tornam esse objetivo cada vez mais palatável. A procura pela vida sem fim, inerente ao homem da atual sociedade, existe como uma substituição da antiga busca pelo paraíso, própria das sociedades de gerações passadas, que eram completamente taxadas pela religião. Também vale ressaltar que não basta a imortalidade, o indivíduo precisa viver mais e mais sem aparentar estar velho fisicamente, ou seja, ele envelhece ainda se sentindo e sendo desejável.

O progresso mais dramático da ciência aplicada que posso imaginar é a imortalidade. Atualmente, muitos cientistas tentam identificar as causas precisas do envelhecimento. É concebível que, se tiverem êxito, venham a projetar versões do Homo sapiens capaz de viver por um período indefinido (HORGAN, 1998, p.32).

O anseio por imortalidade teve origem como uma espécie de utopia edificante e a vontade de viver para sempre foi fortemente representada através das religiões, que tratam a vida como uma transição para o que vem depois, já que a morte não seria o fim. O ápice dessa ideia seria o cristianismo, que instrui as pessoas a viver segundo os mandamentos, evitando aquilo que é considerado pecado, para que o direito à vida eterna no paraíso venha como uma recompensa. Mas tanto a busca pela vida eterna no paraíso quanto a busca pela imortalidade que vem se travando cada vez mais atualmente possuem uma matriz em comum: sempre é preciso fazer algo em troca do viver para sempre. Antes, e parcialmente na atualidade, o cumprimento das instruções de Deus, sempre inquestionáveis, seria a garantia da eternidade no paraíso. Hoje essa dinâmica vem sendo substituída pelas instruções da ciência, que garantem a longevidade e ajudam a remar em direção à imortalidade. E as instruções fornecidas pela ciência sempre são frutos de estudos e experimentos fundamentados e

justificáveis.

E a vontade de viver eternamente seria resultante de uma inquietação humana diante da consciência de si, que causa uma dor aguda, com a qual o homem precisa lidar e na qual o que ele mais quer é por um fim. Estar doente é ter dor e não há como se ter uma doença sem que se esteja consciente dela. E o que mais se deseja nessa situação é que essa dor acabe o mais rapidamente possível. A imortalidade surge então como uma promessa e acaba funcionando como um potente analgésico.

Ainda é preciso considerar que o sentido da vida é algo ontológico ao homem, que não consegue viver no vazio existencial. A ciência veio, portanto, assumir esse papel, podendo ser vista como uma espécie de crença, que vai curar os males e aliviar as dores. Essa cura começou com o milagre dos antibióticos, que salvaram a humanidade de doenças que matavam massivamente. Vieram muitos outros medicamentos, como anti-inflamatórios, analgésicos e antidepressivos. Hoje as promessas de cura são mais sofisticadas e se traduzem em fórmulas manipulação genética, tratamentos a laser, clonagem de células e muitas outras opções somente possíveis com o avanço da tecnologia. E todas essas “soluções” ganham espaço especial, todos os dias, nas diferentes mídias.

Cabe então ao profissional jornalista ponderar se está de fato informando e sendo útil à sociedade ou se está espetacularizando a ciência, trabalhando apenas a serviço do anseio pela imortalidade, podendo instigar falsas esperanças a um público que espera ansioso pela cura de doenças como o câncer, a Aids, o Alzheimer e tantas outras que acometem a sociedade e ainda representam um desafio para médicos e cientistas.

3. COMO A MÍDIA SELECIONA O QUE É NOTÍCIA ENTRE A PRODUÇÃO CIENTÍFICA

O conceito de notícia é de difícil definição. Muitos teóricos de comunicação procuram definir com clareza seu significado, daí serem encontradas tantas sínteses em torno da ideia de notícia. Em geral, quando se considera a notícia no universo jornalístico, a definição costuma ser baseada em três aspectos: interesse, atualidade e verdade. Notícia, segundo Amaral (1982), é “uma informação nova e insólita sobre um assunto de interesse geral, de que não se tinha conhecimento até então” (AMARAL, 1982, p.26). Já para Mesarani e Di Giorgi (1975),

É um texto que informa o que está acontecendo, de modo claro, geralmente breve, com a preocupação de dizer a verdade. Nela o autor registra os fatos, tentando evitar suas opiniões ou interpretações, evitando tomar parte (MESARANI & DI GIORGI, 1975, pág. 35).

Como na prática jornalística em geral, o jornalista que escreve sobre ciência pode esperar que a notícia chegue até ele por meio de *press releases* provenientes das assessorias de instituições ou cientistas, especialistas e médicos em particular, ou pode correr atrás da notícia, apurar e ter a chance de publicar matérias exclusivas, com assuntos e abordagens diferentes daqueles que usualmente serão tratados por variados veículos de comunicação. Mas tanto o assessor, quanto o jornalista, precisam saber aquilo que, dentro do que é produzido na área da ciência, é de fato uma notícia e tem a relevância necessária para gerar o interesse do público.

Será que é possível observar algum tipo de denominador comum, ou semelhança(s), entre aquilo que é divulgado ao público leigo sobre ciência? Parece que fatores como curiosidade e descobertas que podem mudar a realidade de quem sofre de determinado mal ou doença podem ser decisivos na hora em que o jornalista precisa escolher o que será abordado na editoria de ciência. Assuntos ligados à prevenção de doenças e de problemas de saúde também são de extrema relevância para o jornalismo científico, bem como aqueles que têm por objetivo último prolongar a longevidade.

A partir de tais observações é possível discorrer sobre o critério utilizado pela mídia para selecionar o que é notícia para o público leigo entre a produção científica.

Nessa análise, leva-se em consideração também o panorama da abordagem do jornalismo científico pela academia e pela mídia no Brasil, desde seus primórdios.

3.1 Breve panorama da abordagem do jornalismo científico pela mídia e pela academia

O jornalismo científico vem adquirindo cada vez mais importância no mundo atual e é visível que a mídia vem cedendo mais e mais espaço para incrementar a informação com artigos e comentários que envolvam a ciência. O progresso científico atualmente é um fator fortemente relacionado ao desenvolvimento da sociedade, daí a necessidade de informar o público a respeito desse tema, até para que os benefícios da ciência sejam utilizados da maneira mais conveniente e proveitosa. A sociedade, por sua vez, vem desenvolvendo maior interesse pela manutenção do corpo e da saúde, e gera mais demanda a essa especialização do jornalismo.

Diante desta realidade, é relevante observar um breve panorama histórico sobre a trajetória do jornalismo científico no Brasil até que ele chegasse ao que é hoje, no início do século XXI.

O jornalismo científico surgiu no Brasil junto com o início da própria prática jornalística. Ao lançar, em junho de 1808, a primeira publicação periódica do Brasil, Hipólito José da Costa iniciou o registro sistemático de acontecimentos relacionados ao mundo da ciência e da tecnologia. O *Correio Braziliense*, nome dado à sua publicação, era editado em Londres e fazia a divulgação e inovações científicas europeias, visando sua assimilação pelas elites brasileiras.

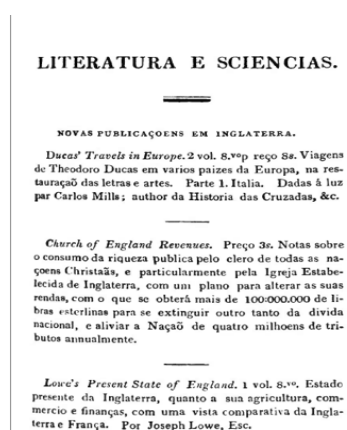


Figura 2 – Página do *Correio Braziliense*, de agosto de 1822, que já trazia a ciência como uma editoria⁵.

⁵ Disponível em: < <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/060000-171#page/1/mode/1up>>. Acesso em 23 de agosto de 2011.

No decorrer do século XIX, é possível encontrar evidências de ações que tinham como objetivo registrar fatos e difundir inovações científicas e tecnológicas. O cientista e jornalista José Reis, de acordo com Melo (2003), identificou o nascimento do jornalismo científico brasileiro na ação de cientistas que, no início do século XIX, utilizaram colunas de jornais e revistas para popularizar novos conhecimentos.

Os jornais brasileiros nesse período adquirem as suas identidades e linhas editoriais a partir do debate político da mudança de Império para República. Os paradigmas Positivista, de Augusto Comte, e Evolucionista, de Charles Darwin (que no Brasil ganha contornos de Darwinismo Social), estão presentes enquanto informação nos jornais e são usados para justificar o Status quo e os ideais de civilidade almejados pelas elites política e social brasileiras (FERREIRA, 2009, p.03).

No início do século XX, instaurou-se no Brasil um ambiente intelectual, reforçado com a criação de universidades, na década de 1930, como a Universidade de São Paulo (USP). A cultura científica começou a ser ampliada, fato que motivou a inserção de novas gerações num contexto em que o conhecimento passou a ser cada vez mais valorizado. Assim, espaços nos jornais diários foram abertos para o registro de fatos ligados propriamente ao conhecimento e à ciência. A divulgação dos resultados de pesquisas científicas desenvolvidas no país ou no exterior passou a ser feita de forma mais regular, a partir de 1947, motivada pela criação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Seguindo a tendência de voltar a atenção para o progresso da ciência e dos cientistas, o jornal *O Estado de São Paulo* passou a, nessa década, dedicar maior espaço à divulgação científica.

No entanto, foi apenas na década de 60 que se criou no país, de fato, uma consciência pública em torno da divulgação científica. Nessa época, o jornalismo científico foi impulsionado, em grande parte, por acontecimentos científicos de grande repercussão, como a corrida espacial EUA-URSS e os transplantes de coração realizados simultaneamente na África do Sul, pelo doutor Christian Barnard, e no Brasil, pelo doutor Euryclides de Jesus Zerbini.



Figura 3 – Matéria do jornal *Última Hora*: em 27 de maio de 1968 é noticiado o primeiro transplante de coração realizado no Brasil⁶.

O pioneirismo na profissionalização de um jornalismo voltado à divulgação científica coube à Universidade de São Paulo (USP), que criou, em 1966, a Escola de Comunicações Culturais e implantou no ano seguinte um curso de jornalismo capaz de assimilar a cultura científica disseminada pela instituição. A primeira geração de jornalistas formada pela USP incorporou em sua bagagem intelectual a cultura científica potencializada e dinamizada em todo o campus da universidade.

Em 1968 foi fundada a Agência Universitária de Notícias (AUN), que lançou aos jovens estudantes o desafio de registrar e descrever eventos de natureza científica, fato que mobilizou mais profissionais de jornalismo em torno da ciência.

O primeiro curso de extensão sobre jornalismo científico foi realizado em 1970, na USP, e ficou a cargo do divulgador espanhol Manuel Calvo Hernando. Suas lições foram traduzidas para o Português e publicadas em forma de opúsculo, o que serviu de subsídio a muitos iniciantes nessa área que se abria para o jornalismo brasileiro.

As iniciativas do Instituto Metodista de Ensino Superior (IMS), entidade mantenedora da atual Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), constituíram

⁶ Foto: Arquivo Público do Estado de São Paulo. Disponível no site *Ciência Hoje Online*: <<http://cienciahoje.uol.com.br/blogues/bussola/ciencia-no-papel-jornal>>. Acesso em 21 de agosto de 2011.

um prolongamento do trabalho iniciado pela USP, universidade que sofreu com a cassação de vários docentes e pesquisadores durante a década de 1970. Alguns desses profissionais encontraram oportunidade de trabalho em universidades particulares, onde passam a concretizar os projetos iniciados na USP. A migração da USP para a Metodista se intensificou a partir de 1972, quando a segunda esboçava sua Faculdade de Comunicação. Porém, projetos no âmbito do jornalismo científico só afloraram com a criação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (1978).

A Agência Brasileira de Divulgação Científica foi criada em 1981, em parceria com o Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e começou a divulgar os resultados de pesquisas recentes financiadas pelo CNPq. Nessa época, os editores dos grandes veículos perceberam o interesse do público leitor por áreas específicas de conhecimento. Assim, na década de 1980 começam a surgir diversas revistas voltadas para a divulgação científica no Brasil, que se tornaram referência e possuem credibilidade no mercado até hoje. São exemplos a *Ciência Hoje* (1982), a *Superinteressante* (1986) e a *Globo Ciência* (1982), que em 1990 mudou para o nome *Galileu*.

A montagem de uma área de estudos denominada Comunicação Científica e Tecnológica, na UMESp, que priorizava ações destinadas a democratizar o conhecimento e a popularizar a ciência, ocorreu somente em 1982. Nesse mesmo ano, a instituição publicou uma edição especial da revista *Comunicação & Sociedade*, dedicada ao tema “Jornalismo Científico / Jornalismo Brasileiro”. Desde então, a Metodista vem mantendo atividades de ensino e pesquisa na área de jornalismo científico. Um exemplo foi a criação do *Jornal Metodista Ciência* e da Agência Metodista de Notícias, onde os temas científicos são hegemônicos.

Em 1994 foi criado o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas (Labjor -UNICAMP), que desenvolve atividades no âmbito do jornalismo científico. No entanto, o engajamento efetivo da instituição nessa área deu-se a partir de 1999, com o lançamento do Curso de Pós-Graduação em Jornalismo Científico.

Foi nessa época que o Labjor criou uma revista eletrônica denominada *ComCiência*, pensada para analisar temas de impacto científico e tecnológico, possibilitando e promovendo parcerias entre cientistas e jornalistas. A principal contribuição do Labjor foi a mobilização do contingente do ambiente acadêmico dedicado ao jornalismo científico, o que teve influência decisiva em ações que, no

início do século XXI, passam a ser capitaneadas pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e outras instituições de fomento a pesquisas e projetos acadêmicos.

O trabalho paradigmático realizado pelas três universidades paulistas – USP, UNESP e UNICAMP – tem inspirado várias outras universidades brasileiras que mantêm escolas de jornalismo a realizar ações similares, diversificadas e inovadoras (MELO, 2003, p.129).

Nesse sentido é possível citar iniciativas como a criação do boletim eletrônico semanal *Olhar Vital*, em 2005, produzido por alunos de jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O boletim é criado no Centro de Ciências da Saúde (CCS) da UFRJ, onde estão sediados os cursos da área de biomédicas. O conteúdo da publicação é composto por pautas sobre ciência e saúde e os alunos também cobrem eventos ligados às áreas, além de divulgarem as pesquisas e defesas de teses e dissertações realizadas no campus.

É possível avaliar que o jornalismo científico adquiriu legitimidade, tanto na mídia quanto no academia, e vem mobilizando jornalistas e cientistas para a “alfabetização científica” do público leigo. Cabe agora analisar os critérios utilizados para a prática dessa especialização do jornalismo e refletir sobre os mesmos, já que o conhecimento sobre ciência vem se tornando cada vez mais importante para a sociedade e sua divulgação está sob uma demanda cada vez maior.

3.2 Critério utilizado pela mídia para pautar a ciência

Entre o grande volume de pesquisas e conteúdos acadêmicos gerados na área de ciência, o jornalista precisa selecionar o que vai divulgar ao público leigo. É necessário pensar em pautas da área de ciência e saúde que irão despertar o interesse do leitor e que, portanto, deverão ser contempladas pelos veículos de comunicação. Assim, é possível avaliar critério, ou critérios, utilizados para a definição do que é notícia entre a produção científica.

A notícia, como forma de conhecimento, não concerne primariamente nem ao futuro nem ao passado, mas ao presente. A qualidade do efêmero e transitório constitui a verdadeira essência da notícia. Como se fala, “nada é mais velho do que o jornal de ontem”. Um evento

cessa de ser notícia logo que cessou a tensão que o causou e, conseqüentemente, a atenção do público se volta para uma nova notícia (PARK, 1970, p. 168).

A relação do público com a notícia sobre ciência não costuma ser diferente do que propôs Park (1970), visto que descobertas sobre assuntos que concernem à saúde já tiveram diferentes abordagens, em diferentes épocas, e as abordagens mais recentes normalmente não questionam as mais antigas; as novas simplesmente substituem as do passado. O próprio público parece tomar o que está lendo como uma regra e não cobra do jornalismo um questionamento mais amplo sobre as informações fornecidas.

De acordo com Bueno (1984), o jornalismo científico se refere a processos, estratégias, técnicas e mecanismos para veiculação de fatos que se situam no campo da ciência e da tecnologia. E os critérios adotados pelo jornalismo científico para definir uma pauta costumam ser, de modo genérico, os mesmos utilizados pelo jornalismo não-especializado: noticiabilidade, atualidade, periodicidade, universalidade e relevância social.

Além dos fatores genéricos citados por Bueno (1984), é possível avaliar outros casos, mais particulares, que podem ser vinculados, em última instância, aos critérios genéricos. No emaranhado de fatos novos que constituem a ciência, entrarão em pauta todos os acontecimentos que tiverem aplicabilidade na vida do público para o qual se trabalha. Trata-se de pensar e planejar as matérias referentes ao jornalismo científico como “matérias de serviço”, ou seja, discursos que orientam o cotidiano das pessoas e preenchem suas necessidades de conhecimento em temas relacionados, em sua essência, à “sobrevivência” (alimentação, saúde e longevidade, por exemplo). Assim, enxergar o jornalismo científico como uma forma de serviço pode ser um dos critérios para a seleção e verificação dos temas que serão abordados.

No jornalismo científico, sempre que se elabora uma pauta, é feita uma pré-apuração, que tem como intuito identificar se determinada pesquisa pode ou não se transformar em matéria. Mais especificamente, os jornalistas avaliam se os resultados dos trabalhos possuem ou não caráter de notícia, estabelecendo-se aí mais um critério de seleção.

Em relação a este aspecto, vale ressaltar que imprensa e público não possuem o poder de confirmar os resultados dos estudos e pesquisas realizados na ciência. Em vista disso, a produção científica divulgada ganha tom de verdade incorruptível, que não pode ser abalada, pelo menos instantaneamente, ou seja, até que venha a surgir

outra verdade no que se refere ao tema. Contrapor ideias de diferentes especialistas e diferentes trabalhos sobre determinado assunto não parece ser um critério na escolha do conteúdo q relacionado à ciência que será veiculado pelas mídias.

O jornalista normalmente está atento ao que se passa na mídia, aos assuntos do momento, e procura ver como a ciência se relaciona com esses fatos. Divulgar pesquisas relacionadas a assuntos que estão em alta na mídia também pode ser considerado um critério para a elaboração de pautas no jornalismo científico. No entanto, isso deve ser feito de forma consciente, sem que se criem falsas relações apenas para a produção de pautas na área de ciência, que pouco serão úteis ao leitor.

No entanto, há uma problemática quando se pensa nesse sentido, pois a mídia parece priorizar a divulgação científica relacionada a assuntos em alta frente a divulgações que contemplem as políticas públicas de saúde, que, pela lógica de interesse da população, deveriam ser mais pautadas. A ideia é simples: por exemplo, no final da década de 1990, em que o *ecstasy* se tornou a droga da moda entre jovens de classe média a alta no Brasil, consumida nas famosas festas “raves”, a mídia passou a falar sobre como esta droga age no organismo. Pautar esse assunto se tornou mais comum do que falar sobre a cola de sapateiro, que, na época, era mais associada ao consumo por camadas pobres da sociedade. Ainda que as políticas públicas tivessem que priorizar o combate ao consumo da cola, um sério problema entre crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade no país, a mídia dava preferência a abordar o *ecstasy*, a droga elitizada. Apesar do exemplo, vale ressaltar que, de 2009 aos dias atuais, o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) vem divulgando trabalhos que comprovam que o consumo de drogas como a cola ultrapassa fronteiras de classes sociais⁷.

Outra boa forma de se encontrar material noticioso sobre ciência, bastante utilizada pelos jornalistas, é a busca nas páginas das revistas especializadas, principalmente as de disseminação científica, como a *Nature*.

E ainda mais fontes certas são as instituições financiadoras de pesquisas e trabalhos na área de ciência, que estão sempre dispostas a mostrar o resultado dos seus investimentos.

⁷ Informações disponíveis em: <<http://www.gan.com.br/campanhas-e-projetos/seja-diferente/80-cebrid-centro-brasileiro-de-informacoes-sobre-drogas-psicotropicas>>. Acesso em 11 de novembro de 2011.

Warren Burkett (1990) determinou critérios próprios de noticiabilidade para o jornalismo científico: senso de oportunidade, *timing*, impacto, significado, pioneirismo, interesse humano e cientistas célebres.

O senso de oportunidade está relacionado ao fato de que, em determinadas matérias, é possível recorrer a assuntos já divulgados, desde que seja lançado um novo olhar sobre o conteúdo. Este é um critério com características semelhantes ao de pautar a ciência relacionada a assuntos momentaneamente populares na mídia, citado anteriormente.

Seguindo ainda a linha da correlação, o autor cita o *timing*, que é levado em consideração quando pesquisas ganham valor noticioso por estarem atreladas a fatos não ligados à ciência. Por exemplo, falar sobre efeitos do chocolate no organismo na época da Páscoa.

Ainda para Burkett (1990), quanto mais pessoas forem atingidas pelo assunto, melhor é a matéria a ser feita. Aí se encaixa o impacto como critério de noticiabilidade no jornalismo científico.

Quando o autor fala em significado como critério, ele está considerando que, por mais complicada que seja uma pesquisa, ela adquire valor noticioso quando o jornalista consegue elaborar um texto que mostre a importância do fato ao público e ao editor.

O pioneirismo está relacionado ao furo noticioso, sempre perseguido pelas redações, que brigam para ter em primeira mão a nova descoberta ou teoria a respeito de determinado assunto. Ao citar este critério, vale ressaltar que, ao mesmo tempo em que se busca a notícia em primeira mão, é difícil trabalhar com o furo quando o assunto é a ciência, visto que as pesquisas científicas levam tempo e precisam ser testadas várias vezes.

Outro critério considerado por Burkett (1990) é o interesse humano, normalmente causado por em matérias que atingem as emoções. Esse recurso costuma ser utilizado com base na história de personagens e pesquisadores. Em especial, de pessoas que sejam consideradas como o público beneficiado.

Já quando a pauta é focada na credibilidade das fontes, pode-se dizer que cientistas célebres correspondem ao critério utilizado. Nesse sentido, é comum encontrar matérias que traçam um perfil de determinado pesquisador, mostrando sua trajetória e principais feitos. Ou mesmo entrevistas pingue-pongue, em que determinado especialista é convidado a responder sobre determinado assunto.

Por fim, cabe ressaltar que os critérios de seleção do que é notícia entre a produção científica, adotados pelos jornalistas e veículos de comunicação, muitas vezes podem ser divergentes daqueles que pesquisadores e cientistas considerariam se tivessem que pautar ciência para o grande público. Este certamente é um dos motivos pelos quais a relação entre perito e jornalista pode ser conflitante e pouco amigável. Cabe ao jornalista também procurar entender o ponto de vista do especialista e ponderar, de forma crítica e consciente, se pode levá-lo em consideração no processo de seleção de conteúdo a ser veiculado pela mídia.

3.3 Jornalistas *versus* especialistas: conflito de critérios de relevância para pautar a ciência

Alguns teóricos acreditam que há um conflito de critérios de relevância entre jornalistas e cientistas. De acordo com Epstein (2009), a informação primária é definida como aquela dirigida pelos cientistas aos seus pares, realizada através de linguagens específicas e especializadas; já a secundária, é a dirigida ao público em geral, realizada em linguagem ordinária.

Um das dimensões que diferenciam a notícia na comunicação primária da comunicação secundária é a que se refere à noção de “informação”, importante tanto na comunicação do conhecimento científico para os pares, como para a construção da notícia jornalística (WOLF, 1990, p. 214).

Quando a ciência é a referência, a informação válida pode se referir à confirmação de fatos e teorias já estabelecidos anteriormente, ou à refutação daquilo que já estava estabelecido. Zamboni (1997, p. 35) afirma que a divulgação científica privilegia, de modo quase unânime, os resultados, relegando a metodologia, item essencial ao trabalho científico, a um plano inferior, quando não o suprime totalmente. Assim, o jornalismo científico possui critérios de relevância da notícia sobre ciência que muitas vezes entram em conflito com os critérios do cientista.

Na convergência entre o discurso da ciência e o jornalismo científico, prevalece o que Epstein (2009) chama de “forma de vida” do jornalismo, ou seja, será valorizado o caráter inesperado e do evento, isto é, fatos ou eventos que batem de frente com teorias já estabelecidas, comprovadas e enraizadas. E o tal caráter

inesperado dos fatos pode ser procurado como a “desconfirmação” das teorias antes estabelecidas e sua substituição por outras.

O que parece valer para editores e jornalistas no momento em que se decide o que vai ser publicado ou não são os resultados alcançados pelos pesquisadores, mesmo que eles sejam contraditórios aos obtidos em testes similares, sejam os testes recentes ou antigos. O importante para os jornalistas parece ser tornar públicas as conclusões, quaisquer sejam estas, sendo pouca ou nenhuma a importância dada à metodologia do estudo.

A problemática da divulgação de resultados de pesquisas é que a linha entre a divulgação parcial no jornalismo científico e a “propaganda” feita em favor de determinadas pesquisas, favorecendo pesquisadores, instituições e agências de fomento à pesquisa, é muito tênue e facilmente transposta. Disso resultam matérias jornalísticas que chegam ao extremo da parcialidade, que parecem ter como função última promover profissionais e instituições. A grande questão é que, muitas vezes, as consequências desse tipo de trabalho envolvem a saúde, a integridade e o bem-estar da população consumidora do jornalismo científico.

Às vezes, o avanço científico é tão espetacular que se torna obrigatoriamente uma notícia, e os veículos de comunicação não podem deixar de registrá-la. Mas não são apenas avanços extraordinários que constituem a ciência e, por isso, com frequência, o trabalho do pesquisador costuma passar incompreendido. São os casos em que o jornalista distorce o conteúdo para torná-lo mais interessante ao público. Outro exemplo de incompreensão ocorre quando o jornalista não dá o devido valor a trabalhos importantes e opta por não publicá-los, deixando de aproveitar pautas que poderiam valer à pena.

Após discorrer sobre os fatores e critérios que normalmente são levados em conta para que um fato científico se torne uma notícia, cabe uma reflexão acerca de sua relevância e se outros critérios poderiam ser levados em consideração. Seria possível oferecer uma abordagem sobre ciência menos sensacional e mais coerente com a rotina de produção do cientista? Talvez a mídia, com seu poder de influência, pudesse noticiar não apenas fatos científicos espetaculares, mas também contrapor diferentes pontos de vista provenientes da ciência e mostrar que o cientista, como qualquer outro profissional e ser humano, também é passível de erro.

Considerando a ciência e sua missão, é possível perceber que ela tem um viés espetacular, mas que, no entanto, não são apenas feitos glamorosos e revolucionários

que a constituem. Um jornalismo científico menos parcial e mais crítico poderia também ser de interesse público e contribuir para a formação de leitores que não apenas enxerguem a ciência em um pedestal, mas também possam verificar suas falhas e fazer críticas, ainda que não sejam especialistas. O modismo poderia passar a ser o cuidado “saudável” com a saúde, e não o cuidado “fanático”, que muitas vezes resulta em atitudes precipitadas. Trata-se de famosos casos como o de Sally Maguire, noticiado no mundo todo, que optou por retirar seus dois seios saudáveis para prevenir o câncer de mama⁸.

Assim, cabe ao jornalista refletir também sobre até que ponto a atual abordagem de temas que se relacionam com ciência e saúde contribui, de fato, para a adoção de práticas saudáveis por parte do público leitor, e se esse tipo de divulgação não acaba por também influenciar negativamente os hábitos e escolhas da população.

⁸ Disponível em < <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,britanica-retira-dois-seios-saudaveis-para-evitar-cancer,740384,0.htm> >
Acesso em 05 de novembro de 2011.

4. O USO DOS PERITOS

Como poucas matérias jornalísticas são baseadas totalmente em observações diretas dos fenômenos, fatos ou eventos, a produção de notícias geralmente se dá a partir da utilização de fontes, que podem ser definidas como “instituições ou personagens que testemunham ou participam de eventos de interesse público” (LAGE, 2001, p.67). Ainda segundo Lage (2001), cabe aos repórteres selecionar e questionar essas fontes para colher dados e depoimentos, que serão situados em algum contexto e processados de acordo com as técnicas adotadas na prática jornalística. Um princípio interessante seria “só confiar inteiramente em histórias contadas por três fontes que não se conhecem nem trocaram informações entre si” (LAGE, 2001, pág. 67). E a matéria aconteceria com o cruzamento dos relatos, que mostram versões e interpretações.

Quando se fala em jornalismo científico, estão em destaque, como fontes, os especialistas e pesquisadores (que podem ser denominados como peritos) das mais diversas áreas da ciência.

O principal papel dos cientistas na comunicação pública da ciência é servir como fontes de informações científicas ou técnicas para os jornalistas e o público geral. Eles são chamados a comentar, interpretar ou apresentar dados, fatos, feitos, evidências, descobertas, especulações sobre pesquisas realizadas por eles mesmos ou por colegas (MEDEIROS, 2004, p. 402).

A dependência que boa parte dos jornalistas, generalistas por profissão, ainda mostra em relação a suas fontes, faz com que as notícias e reportagens sejam fortemente moldadas pelas instituições ou pelos personagens que se dispõem a falar. Quando se trata de assuntos polêmicos, essa tendência pode resultar em representações distorcidas da realidade, que acabam por influenciar a opinião pública.

A divulgação científica para o público leigo não constitui de fato, na prática, uma reformulação do discurso próprio da ciência, mas sim acaba por representar um novo discurso, próprio deste tipo de divulgação. Trata-se de um discurso particular e autônomo, que se articula com a ciência e com o campo científico, mas sem emergir dessa interferência como produto de uma mera reformulação de linguagem (ZAMBONI, 2001). E esse discurso, maquinado pela divulgação científica, é, em parte, moldado pelas fontes nas quais os jornalistas buscam informações. Quando o

repórter fica completamente dependente do especialista, este acaba por determinar o rumo da matéria que será publicada.

Cabe então refletir sobre o critério de seleção dos especialistas, ou peritos, e como se define aquilo que, pinçado entre tudo o que foi dito em uma entrevista, vai constar na matéria como “aspas”, representando a voz do perito.

4.1 Critério de seleção dos peritos

Teóricos da comunicação que estudam a construção social das notícias procuram descrever fatores que influenciam na seleção, moldagem e apresentação de matérias e reportagens pela mídia. As notícias são consideradas produtos culturais que refletem o que jornalistas, em seu código partilhado para o fazer jornalístico, consideram “significativo”, entre os fatos, eventos e entre as informações fornecidas pelas fontes no momento da entrevista. Assim, inicialmente cabe pensar sobre qual é o critério de seleção das fontes, que, no caso do jornalismo científico, são normalmente os especialistas, cientistas, ou peritos, e como essa escolha influencia na produção da notícia.

Para Conrad (1997), aquilo que se torna notícia é definido pelas partes interessadas, não decorrendo de nenhuma característica ou propriedade inerente a um evento ou informação. Ou seja, quando se fala em jornalismo científico, as partes são o jornalista (que levará em conta sua política editorial) e o perito, sem deixar de se considerar a preocupação com o interesse do público leitor. “A noticiabilidade é um fenômeno negociado, mais do que uma aplicação de critérios independentemente forjados para os eventos que se tornam notícia”, (TUCHMAN, 1978, p.46). São os jornalistas que fazem de uma ocorrência um evento noticiável e, de um evento noticiável, uma matéria, ou reportagem, “selecionando o que relatar, localizando e citando comentários de especialistas e organizando e apresentando notícias, organizações de mídia fornecem uma parte importante do discurso público” (CONRAD, 1997, p.141).

É preciso levar em consideração que, no campo da divulgação científica, o texto jornalístico possui características diferentes do artigo de divulgação assinado por um cientista. Segundo Maingueneau (1987), o discurso só é autorizado e, conseqüentemente, eficaz, se for reconhecido como tal. Ou seja, em um artigo de divulgação científica, é a própria autoridade relacionada à enunciação que fala, não é preciso inserir no texto a fala de um colega cientista ou de qualquer outro enunciador

para se conferir credibilidade. Pode-se fazê-lo, ou não, apenas para ilustrar o peso. Já o jornalista não pode falar com propriedade sobre a ciência, ele depende do depoimento do especialista. No entanto, a escolha do perito e a forma como sua voz aparecerá nas aspas é que caracterizam o fazer jornalístico. Ou seja, a apropriação e moldura do discurso do especialista é que compõem o trabalho do jornalista. Em última instância, é preciso que fique claro ao leitor que, aquilo que é noticiado pelo jornalismo científico, se constitui no trabalho do jornalista, que teve o apoio e complemento do cientista, e não o contrário.

Como na maior parte das especializações jornalísticas, as fontes normalmente utilizadas no jornalismo científico podem ser divididas entre protagonistas (pesquisadores, desenvolvedores), autoridades (ministério e secretaria de Ciência e Tecnologia, Saúde e outras áreas do Estado que utilizem inovações científicas), especialistas (cientistas, médicos, etc) e usuários (pacientes, cobaias, consumidores e quem mais utilizar as inovações científicas e da medicina). A escolha da fonte é importante e decisiva. E é, às vezes, difícil, principalmente em áreas abordadas por diferentes especialidades.

A definição do que é o especialista e qual sua função como informante pode ser analisada de dois pontos de vista: o sociológico e o jornalístico. Na perspectiva sociológica, os especialistas, peritos, ou experts, recebem um determinado papel social, que pressupõe uma competência específica, na maior parte dos casos, mediante o exercício de uma profissão (SPONHOLZ, 2008).

O especialista é aquele que traz um conhecimento detalhado sobre o assunto abordado e, além disso, é capaz de estabelecer relações entre diferentes fatores e analisar consequências. Dessa maneira, ele se diferencia do leigo, que não tem nem o saber especializado, nem a legitimação profissional.

O conceito de especialista gera o de leigo, quando se supõe uma hierarquia dos saberes. As sociedades atuais são acometidas por uma série de problemas que o “homem comum” não tem condições de resolver, ou cuja solução o sobrecarrega. Aí entra o especialista, resolvendo e guiando a vida do leigo.

Por outro lado, quando se pensa em especialista pelo ponto de vista jornalístico, há de se considerar que as atuais sociedades são marcadas pelo aumento da discrepância entre o saber individual e o produzido e colocado à disposição através dos meios de comunicação. Por isso, a abrangência do conhecimento individual se torna pequena diante de tanto conteúdo disponível e a dependência do conhecimento

específico para a resolução de problemas, inclusive cotidianos, se torna cada vez maior.

De acordo com Sponholz (2008), o papel do especialista na produção jornalística envolve três componentes: o papel do jornalismo na produção e distribuição do conhecimento; a exigência da qualidade comunicativa; as rotinas produtivas. A expertise acaba por encarregar o jornalismo, portanto, de uma tarefa especial: exercer uma função de orientação social, concretizada no fornecimento de informações que permitam ao receptor “localizar-se” em um mundo cada vez mais complexo (PARK, 1967).

De acordo com Genro Filho (1988), a singularidade é a característica principal do jornalismo como tipo de conhecimento. É ela que impede que o jornalismo seja classificado como ciência. O jornalismo se concentra em casos particulares, no que se sobressai, e não busca regularidades, como a ciência faz. E o jornalista exerce papel de mediador. Seu público costuma ter um grau de conhecimento e formação bastante discrepante entre si, portanto, a apresentação do conhecimento produzido por esse profissional exige uma qualidade comunicativa maior do que a realizada pelo cientista para a própria classe.

Assim, a relação entre o especialista e o jornalista envolve não somente uma questão de quanto o jornalista e o seu público entendem a respeito do assunto, mas também um problema do cientista em compreender o público com o qual ele se comunica (SCHNABEL, 2003).

Em levantamentos realizados com cientistas norte-americanos, Dunwoody e Scott (1982) não encontraram nenhuma relação entre a produtividade científica de um pesquisador e a frequência com a qual ele foi entrevistado por jornalistas. Dunwoody também observou, em outro trabalho, que cientistas são usualmente entrevistados sobre assuntos não relacionados aos seus objetos de pesquisa (DUNWOODY & RYAN, 1987).

A relevância dos especialistas aumenta tanto com a complexidade dos temas a serem noticiados, como também devido à diversidade de opções de consumo midiático e com a concorrência entre os meios de comunicação. “Esse cenário inflaciona a necessidade por previsões e por fontes com a competência socialmente reconhecida para fazê-las”, (SPONHOLZ, 2008, p.05).

Assim, do ponto de vista do jornalismo, o especialista é, em primeiro lugar, um tipo de fonte. E as fontes representam um fator decisivo no processo de produção

jornalística, visto que as notícias se constituem naquilo que as fontes dizem que acontece (SIGAL, 1986, p. 15).

Uma fonte jornalística tem que ser capaz de se comunicar de forma compreensível e ser acessível aos repórteres (DUNWOODY & RYAN, 1987, p. 25). Ou seja, o especialista a ser entrevistado deve ter a capacidade comunicativa de dizer o que está acontecendo, ter uma vinculação institucional que lhe conceda credibilidade e adaptar-se às rotinas de produção jornalística.

A relação da fonte com o jornalista depende também do tempo que um dispõe para o outro e de outros recursos, como o meio utilizado para a entrevista (se a entrevista foi presencial, por telefone, email, etc). Sob essa pressão do tempo, a acessibilidade e a disponibilidade da fonte para prestar informações fazem toda a diferença, pois se torna difícil ou mesmo impossível trabalhar com um agendamento de entrevista para semanas após a procura pelo especialista, visto que o jornalismo trabalha com o imediatismo.

Um fator bastante influente na seleção de fontes reside no fato de que muitos especialistas são apoiados por estratégias profissionais de relações públicas, que garantem o seu acesso à mídia. Essas estratégias incluem desde a apresentação da produção própria de estudos, até a produção de artigos para páginas de editoriais.

Iniciativas como estas influenciam a cobertura jornalística não só no caso dos temas propostos por esses especialistas e suas instituições, mas também porque determinados profissionais adquirem o status de “especialistas acessíveis” para os repórteres, já que possuem alta qualidade comunicativa e se colocam à disposição para comentar inúmeros de temas, inclusive os que não foram sugeridos por eles próprios. São profissionais que valorizam sua presença na mídia e investem fortemente nesta tarefa. Portanto, a acessibilidade e capacidade comunicativa também são critérios de seleção dos peritos, bem como a intermediação de assessores e relações públicas que sugerem determinados especialistas e instituições como fontes aos jornalistas que escrevem sobre ciência.

A influência de assessorias de imprensa em publicações online sobre ciência e tecnologia parece ser bastante considerável. Pereira (2004, p.98) constatou que a maior parte das notícias divulgadas na versão online do Correio Braziliense vem das assessorias de agências do governo (Agência Brasil, Agência Câmara e Agência Senado). O autor observou um número maior de notícias dessas fontes (14%) do que do próprio trabalho de elaboração de pautas dentro da redação do jornal (13%).

O jornalista, diante de um pesquisador, cientista ou especialista, costuma pressupor que, neste ambiente especializado, os depoimentos e as intenções são isentos, portanto, não há porque se manter em vigília. No entanto, o especialista, como porta-voz da ciência, nem sempre está distante do processo de contaminação que afeta as fontes jornalísticas em geral.

Os cientistas e pesquisadores defendem posições, submetem-se a patrocínios, têm suas idiossincrasias, mantêm relações de afinidade com partidos políticos, correntes ideológicas etc. Se determinado cientista, técnico ou pesquisador trabalha para uma empresa ou para o governo, os compromissos estão ainda mais evidentes. O jornalista precisa, conseqüentemente, estar sempre atento ao processo de seleção dos peritos e ao que o perito vai falar, para questionar, se preciso, e também dar voz a mais de um perito, como costuma ocorrer na prática jornalística em geral.

Muitos jornalistas ignoram que a relação entre ciência e poder, e ciência e capital possa estar crescendo. Inúmeras publicações científicas de prestígio ao redor do mundo se mostram atentas a esta relação e têm exigido, cada vez mais, a declaração dos vínculos funcionais e comerciais dos pesquisadores que a elas encaminham seus artigos.

Logo, toda fonte é, em primeira instância, uma fonte comprometida e, assim, mesmo na cobertura de ciência e tecnologia, é necessário sempre ter isso em mente. É preciso enxergar sempre além da notícia e da fonte, buscando nunca tornar-se refém de um especialista, que certamente tem outros compromissos além da ciência e da tecnologia. Segundo Bueno (2004), embora possa não ser fácil identificar os vínculos das fontes, há que se imaginar que eles existem e que é socialmente e politicamente relevante manter a vigília. E como o jornalista e o público leigo não possuem condições para desenvolver uma investigação cientificamente competente sobre o que é dito pelo especialista, acabam por confiar em fontes envolvidas com a questão abordada e com interesses a serem defendidos.

A utilização das mesmas fontes repetitivamente, em especial das oficiais, pode ser observada com frequência nas matérias referentes ao jornalismo científico e deve ser evitada, pois pode inclusive gerar uma monotonia e abordagens pouco diversificadas. Manuais de redação e professores de jornalismo dizem que se deve ouvir dois ou mais lados da questão antes de se redigir uma matéria. Trata-se de mostrar ponto e contraponto, estratégia utilizada na construção da credibilidade daquilo que é veiculado pelas mídias. Porém, isso não costuma acontecer no

jornalismo científico, que divulga matérias e reportagens atreladas, em sua grande maioria, a uma única fonte.

Os jornalistas não questionam a informação fornecida pelo especialista até pela própria imagem da ciência, comprometida com o progresso e o bem estar do coletivo. Espera-se, portanto, que o jornalista que escreve sobre ciência pense nos envolvimento e comprometimentos do perito antes de escolhê-lo como fonte, e que escolha mais fontes aptas a falar sobre o assunto abordado. E também que não assuma a posição de porta-voz do entrevistado, sempre tendo em mente que interesses podem estar por trás daquilo que é dito. Torna-se necessário, então, analisar critérios de seleção das aspas do perito.

4.2 Critério de seleção das aspas dos peritos

Na prática jornalística, o repórter, ao entrevistar sua fonte, faz uma série de perguntas para que tenha o máximo de informações sobre o assunto abordado na matéria. A partir do conteúdo extraído, o jornalista pode selecionar o que fará parte do texto, já que os espaços cedidos pelas mídias são limitados e, portanto, é necessário um trabalho de seleção daquilo que, entre o que foi dito pela fonte, será contemplado na matéria e poderá entrar também entre aspas, como um discurso direto do entrevistado. No caso do jornalismo científico, estamos falando dos especialistas, ou peritos.

A fala do cientista, seja ela apresentada na forma de discurso direto ou indireto, é o principal fator para conferir credibilidade ao discurso jornalístico de divulgação da ciência. Segundo Authier (1982), a enunciação do discurso científico aparece em grande parte sob a forma de discurso indireto e o nome dos enunciadore, seu estatuto de especialistas e o tempo de enunciação são especificados com abundância e rigor. Para Zamboni (1997), esse discurso relatado não pode ser tomado como o principal traço caracterizador da divulgação científica, apesar de aparecer como um componente de grande peso.

Para que a cobertura sobre ciência tenha qualidade na informação e seja acessível ao público, é necessário um esforço por parte do jornalista e de suas fontes para tornarem compreensível e claro o tema abordado e, ao mesmo tempo, trabalharem com o compromisso de não distorcerem a informação que chegará ao leitor. Os jornalistas podem ampliar sua autonomia em relação às fontes, por exemplo, lendo artigos científicos originais, e trabalhar cada vez mais para um melhor

entendimento da linguagem do cientista. E, aos cientistas, cabe se preparem para os encontros com os jornalistas, deixando a menor margem possível para dúvidas, separando dados, exemplos, ilustrações e infográficos que facilitem a compreensão do tema. Esse é um esforço que contribui para a elaboração de melhores matérias e para a construção de uma relação mais amigável entre cientistas e jornalistas, o que nem sempre ocorre, visto que muitos cientistas não aceitam que um profissional que não se aprofundou no estudo da ciência escreva ou fale sobre o tema. Felizmente essa postura vem sendo cada vez menos comum e a consciência acerca da importância de fazer com que as descobertas e estudos sobre ciência ultrapassem os muros da academia é cada vez maior.

Independente da relação entre as diferentes classes profissionais, é possível observar uma problemática: cientistas costumam lidar com probabilidades, que, por sua vez, nem sempre combinam, segundo Cohl (1997), com o tipo de informação que a mídia busca. Dificilmente um cientista dirá que determinado produto causa câncer. Ele provavelmente dirá que há uma relação entre o produto e a proliferação de células cancerosas em animais estudados no laboratório. A mídia busca verdades que, mesmo relativas, possam ter a capacidade de serem convertidas em absolutas, sendo facilmente apreendidas pelo público e, concomitantemente, interessantes e úteis.

De acordo com Chauí (1990), ao entrevistarem cientistas, especialistas e pesquisadores, os jornalistas costumam ter em mente que a ciência é um discurso competente, ou seja, aquele que pode ser proferido, ouvido e aceito como verdadeiro ou autorizado. Trata-se de um discurso em que os interlocutores já foram anteriormente reconhecidos como tendo o direito de falar, já que o conteúdo do discurso já foi autorizado pela própria competência da ciência. Porém, há de se considerar que o discurso do cientista nem sempre é neutro. Na realidade, a voz da fonte corresponde à aparente neutralidade dos textos referentes à cobertura de ciência e tecnologia. Mas trata-se de um único ponto de vista, de um único profissional, que também relata fragmentos de um único estudo.

Costuma-se pensar em jornalismo científico mais por sua faceta com a ciência, irrefutável, do que pelos preceitos básicos do jornalismo.

Pluralidade, versões, questionamentos públicos e mediação jornalística perdem-se pelo caminho da imprensa em todas as editorias. Mas na ciência, tida pelo senso comum como verdadeira e inquestionável, a

informação, ou desinformação, tem outro peso e consequência: é credível como isenta e factual, mesmo que há décadas não haja ciência sem financiamento, biomedicina sem patrocinadores, tecnologia sem vencedores (RUBLESKI, 2008, p.4).

Assim, do mesmo modo como ocorre em outros gêneros do jornalismo, como o político, o econômico e o de polícia, o jornalismo científico deveria basear a sua prática em lidar com o contraditório, ou seja, não tomar a visão de determinada fonte como verdade, mas sim, como uma versão. A verdade final será dada pelo diálogo entre versões contraditórias, coletadas e contrapostas pelo jornalista ao longo de seu texto (TEIXEIRA, 2002).

Essa ideia vai contra a visão positivista da ciência, que a considera como um conhecimento neutro e objetivo. Trata-se de entender a ciência como uma construção de verdades a partir do diálogo entre diferentes pontos de vista, resolvidos dentro de instituições e baseados em critérios aceitos pela comunidade científica.

As fontes podem fornecer informações em nível factual, respondendo às perguntas “o quê?”, “quem?”, “onde?” e “quando?”, e interpretativo, quando responde às perguntas “como?” e “por quê?” (HALLER, 2000, p. 61). No jornalismo científico, o especialista fornece, principalmente, informações no nível interpretativo.

Isso significa que especialistas fornecem informações que, ao contrário daquelas do nível factual, não podem ser averiguadas de forma intersubjetiva. Repórteres podem, por exemplo, verificar se a informação de que cinco pessoas morreram em um acidente em uma usina nuclear está correta. Porém, a intersubjetividade de uma averiguação mostra seus limites caso a questão se encontre nas causas do acidente ocorrido na usina nuclear.

A imprensa busca respostas definitivas, tendendo a rejeitar explicações de cientistas que dizem que eles mesmos ainda estão avaliando determinado resultado ou que certo estudo ainda acarretará em desdobramentos, e que não se trata de uma regra, mas de uma probabilidade aquilo que estão divulgando. A imprensa dissemina a máxima de que a ciência possui todas as soluções. Isso traz como consequência uma falsa imagem da ciência e de sua contribuição para a sociedade.

Portanto, no ato de seleção das aspas do especialista entrevistado, o jornalista normalmente pinça declarações de caráter conclusivo, independente do contexto em que são ditas, e nem sempre deixam o leitor a par das circunstâncias em que as afirmações que compõem as aspas são válidas. O que pode aparecer como uma regra

universal pode ser, na verdade, uma definição válida somente para determinado estudo. Portanto, ao passo que o critério de seleção das aspas do perito costuma ser taxado por aproveitar aquilo que parece ser conclusivo e aplicável à vida do leitor, deveriam ser levados em consideração também interesses profissionais que podem estar por trás daquilo que é dito, bem como o contraditório poderia ser mais explorado, através da consulta a mais de uma fonte.

5. FATOR DE RISCO NA MÍDIA

Fator de risco, de acordo com Marques (2006), é um termo estatístico utilizado para designar uma condição ambiental, característica, ou comportamento que aumenta a probabilidade da ocorrência de determinada doença. Por exemplo, fumo, idade, história familiar de determinados cânceres, hábito alimentar, obesidade, falta de exercício, entre outros, são fatores de risco para o desenvolvimento do câncer. Ou seja, indivíduos sadios, quando expostos a certas condições ou fatores de risco, podem adoecer.

O fator de risco se torna válido diante da preocupação com o corpo, que vem sendo cada vez mais uma temática de interesse. Os cuidados com o corpo vão se tornando mais abrangentes e detalhados, ultrapassando as barreiras das medidas de higiene e da cura de doenças como o mínimo necessário para a manutenção de um organismo saudável. Hoje é preciso envelhecer e continuar com o corpo aparentemente desejável, ao mesmo tempo evitando ao máximo a possibilidade de se contrair doenças e distúrbios. Vive-se numa era de culto ao corpo, à beleza e, em última instância, à imortalidade.

A ética da beleza, que também é a da moda, pode definir-se como a redução de todos os valores concretos e dos valores de uso do corpo (energético, gestual e sexual), ao único ‘valor de permuta’ funcional que, na sua abstração, resume por si só a ideia de corpo glorioso e realizado (BAUDRILLARD, 1985, p.141).

Atualmente, o ser humano, em sua busca pela imortalidade, está sempre interessado em saber a que fatores de risco pode estar submetido, ou seja, que chances tem seu corpo de ser acometido pelos males de saúde que assolam o século XXI. Trata-se de uma preocupação que norteia a sociedade e que frequentemente é pautada pela mídia, sempre de olho em divulgar fórmulas que prometam diminuir os fatores de risco para as mais variadas doenças, principalmente as de maior gravidade e responsáveis por números massivos de mortes, como o câncer.

Nesse aspecto atua o jornalismo científico, mostrando os artefatos e avanços da ciência para a manutenção de um corpo completamente saudável e esteticamente perfeito. Para a manutenção desse corpo que tem como ideal máximo a vida eterna, o fator de risco entra como peça fundamental e é altamente explorado pelo jornalismo especializado em ciência que, com seu discurso, contribui para que a vida voltada à

eliminação dos riscos e aos cuidados no sentido de prevenção de doenças esteja cada vez mais enraizada na sociedade.

5.1 Corpo como temática de interesse

Na medida em que a contemporaneidade avança no tempo, o culto ao corpo se intensifica, e os assuntos relacionados aos cuidados estéticos e com a saúde passam a ter maior relevância na sociedade. Os indivíduos experimentam uma crescente preocupação com a imagem e tudo que a envolve.

Entendida como consumo cultural, a prática do culto ao corpo coloca-se hoje como preocupação geral, que perpassa todas as classes sociais e faixas etárias, apoiada num discurso que ora lança mão da questão estética, ora da preocupação com a saúde (CAMARGO, 2010, pág.03).

Com essa preocupação, o corpo vem como um protagonista da atual sociedade e se torna temática de grande interesse. Tudo o aquilo que fala sobre o corpo ou a ele se relaciona desperta a curiosidade dos indivíduos, que consomem as explicações e instruções de cuidado com o corpo como conteúdo midiático. São inúmeras as matérias nos jornais, revistas, sites e telejornais que contemplam os mais variados aspectos: dieta alimentar, uso de cosméticos, cura de doenças, cirurgias plásticas, etc.

Segundo Camargo (2010), trata-se de uma via de mão dupla, já que o culto ao corpo, que gera pautas jornalísticas, também é impulsionado pelo processo de massificação das mídias, especialmente a partir da década de 1980, época em que o corpo ganhou mais espaço como temática. Não por acaso foi neste período que surgiram duas grandes revistas brasileiras voltadas para o tema: *Boa Forma* (1984) e *Corpo a Corpo* (1987).

O corpo é a mais irrecusável objetivação do gosto de classe, que se manifesta de diversas maneiras. Em primeiro lugar, no que tem de mais natural em aparência, isto é, nas dimensões (volume, estatura, peso) e nas formas (redondas ou quadradas, rígidas e flexíveis, retas ou curvas, etc...) de sua conformação visível, mas que expressa de mil maneiras toda uma relação com o corpo, isto é, toda uma maneira de tratar o corpo, de cuidá-lo, de nutri-lo, de mantê-lo, que é reveladora das disposições mais profundas do *habitus* (BOURDIEU, 1988, p. 188).

O corpo humano está instituído nos produtos midiáticos e apresenta-se como um composto de partes, que necessitam de reparos e melhoramentos. E o processo de territorialização do corpo midiático se faz mediante o aporte de diferentes saberes, como o moral, psicológico, sanitário, médico, estético e o mercadológico, que fazem com que a competência dos discursos da imprensa especializada se constitua como uma espécie de sistema perito. Esse sistema define formas legítimas de cuidados e lições sobre cada uma das partes corporais e representam os diferentes saberes acerca do corpo. Assim, a imprensa especializada em ciência realiza uma produção discursiva sobre o corpo.

Os sentidos e significados mais encontrados nos discursos dos especialistas são relacionados à autonomia e ao controle do próprio corpo. É o que mostrou a revista *Capricho* de 25 de abril de 1999, por exemplo, que fala à leitora que ela mesma pode calcular seu Índice de Massa Corporal (IMC) para saber se seu peso compromete ou não sua beleza e saúde. Tanto nessa matéria como em outras, trata-se de deixar claro que a responsabilidade de autocontrole do corpo são possíveis e devem ser incentivados. O autocontrole funciona, ao mesmo tempo, como sedução para o paciente que julga estar tornando-se independente. É também uma forma de o especialista transferir responsabilidade para o paciente.

O belo atualmente está relacionado à técnica e segue a lógica de que qualquer pessoa pode modificar-se e moldar-se de acordo com seu desejo e vontade. Segundo Hegel (1990), tudo quanto provém do espírito é superior ao que existe na natureza. Tomando esse ponto de vista, o natural, ou seja, o corpo humano não alterado, não poderia ser tão belo quanto o alterado pela técnica, proveniente da mente humana, o “espírito”.

E a procura pela beleza e perfeição máxima do corpo pode ser responsável por dados como estes: cerca de 130 mil crianças e adolescentes por todo o Brasil submeteram-se, somente no ano de 2009, a operações plásticas, segundo estimativa Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica; levantamento encomendado pela mesma entidade em 2009 mostrou que, dos 629 mil procedimentos cirúrgicos estéticos feitos entre setembro de 2007 e agosto de 2008, 37.740 foram em adolescentes. Para chegar a esse número, equivalente a 8% do total de intervenções no país no período, foram

ouvidos 3.533 cirurgias associados⁹. O conteúdo veiculado pela mídia muitas vezes acaba por incentivar números como estes, que são preocupantes, especialmente quando se considera que cirurgias podem resultar em sequelas e que o adolescente pode não ter autonomia sobre si e o discernimento necessário quando opta por se submeter ao procedimento cirúrgico.

A mídia oferece um grande leque de informações sobre os mais variados assuntos aos indivíduos, porém, o grande excesso de conteúdo, passado em curto espaço de tempo, torna a assimilação difícil por parte dos interlocutores. Esse enorme fluxo acaba sendo qualificado como dotado de verdades absolutas, as únicas existentes. Dessa forma, são passadas informações que visam a modificação do corpo através de mensagens que muitas vezes trazem conteúdo comparativo entre o novo corpo e o antigo. Por isso, um indivíduo em sua forma original aparece sem brilho e, após transformar-se, passa a apresentar caráter de beleza, alegria e, sobretudo, satisfação. Essa mudança instiga o observador a modificar-se também.

A vida fica assim contida entre as recomendações e prescrições que anunciam o que pode estar ao alcance de todos: corpo e saúde perfeitos, ausência do sofrimento e da dor, negação da morte (SZAPIRO, 2004, p. 08).

Assim, jornalistas procuram explorar o corpo como temática na mídia, apoiados pelas falas dos especialistas, que apresentam as mais variadas formas de aperfeiçoamento e cura do corpo. O fator de risco é quase sempre presente nessa abordagem, pois ele se faz essencial na busca pelo corpo perfeito e pela imortalidade, já que aponta condições e características que aumentam a probabilidade da ocorrência de muitas doenças.

5.2 O corpo e o risco na mídia

Conforme mencionado, o corpo é uma temática de interesse crescente na sociedade e vem sendo cada vez mais abordado pela mídia, em seus mais diversos aspectos. Em meio ao conteúdo relativo ao corpo, o fator de risco se faz

⁹ Informações disponíveis em:

<http://www2.cirurgioplastica.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=440:adolescentes-aproveitam-as-ferias-para-voltar-as-aulas-com-silicone-nos-seios&catid=42:saiu-na-midia&Itemid=87>. Acesso em 11 de novembro de 2011.

excessivamente presente e se tornou um quesito de preocupação para os indivíduos, preocupados com o corpo e a saúde.

Com a noção de fator de risco, o futuro se torna calculável e dependente de nossas ações sobre nosso ser. É esse o contexto que a mídia costuma trazer frequentemente aos indivíduos. O sentido das notícias sobre ciência e saúde normalmente é convidar para que o indivíduo atente para aspectos como alimentação, bebida, lazer e exercícios, para que, com as orientações fornecidas, ele tenha subsídios para alcançar o melhor estado de saúde possível e prevenir os males a que possa estar sujeito. Vale ressaltar que esse panorama também ganha sentido quando se considera o caráter de verdade do conteúdo veiculado às mídias e o interesse do público pela temática “corpo”.

Como se trata de um convite a orientar a vida de acordo com a verdade, a adesão dos indivíduos às recomendações médicas publicadas na mídia depende da credibilidade da fonte e da ausência de controvérsia. A possibilidade de escolha entre diferentes maneiras de cuidar de sua saúde seria tanto maior quanto mais houvesse diversidade de fontes de autoridade e quanto menos o indivíduo acreditasse em qualquer uma delas.¹⁰

De acordo com Vaz, Pombo, Fantinato & Pecly (2006), o saber médico exposto pelos meios de comunicação passa a ser analisado em articulação com o conceito de responsabilidade. Assim, as notícias definem a maneira como se deve lidar com os prazeres cotidianos para que o futuro seja calculável e dependente das ações do indivíduo. Ainda de acordo com os autores, as verdades médicas passam a ser a crença de nossa cultura sobre o poder da ação humana. Inclusive por isso, pode-se dizer que o jornalismo sobre ciência muitas vezes sente-se dispensado de cumprir o mandamento que interdita a matéria feita a partir de uma única fonte, já que normalmente subentende-se que não há versões da verdade quando se trata de ciência.

O conhecimento da sociedade acerca dos riscos é sempre mediado, seja pelo sistema de valores, seja pelos especialistas, ou pelos meios de comunicação. Seja qual for o intermediário, o saber científico é o ponto chave de todo o processo. É também a esse saber que autoridades públicas, instituições políticas, indústria e mídia recorrem para comunicar o risco ao cidadão e é também ele que serve de conteúdo a campanhas

¹⁰ VAZ, P. et al. O fator de risco na mídia. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141432832007000100013&lng=e&nrm=i>. Acesso em: 13/05/2011.

institucionais de informação e estratégias de gestão e prevenção do risco, de acordo com Soares (2006).

Assim, a mídia também participa da construção social do risco e de sua hierarquização. O conteúdo veiculado pela imprensa ajuda a criar a ideia de intensidade do risco no imaginário coletivo. Os novos riscos são calculados para um indivíduo ativo, que procura mobilizar-se para impedir a concretização dos seus receios. No entanto, esse ser oscila entre o risco invisível e o risco desvendado, sempre dependente dos conhecimentos que lhe são fornecidos.

Mas ao passo que o fator de risco pode ser útil na prevenção de doenças, ele pode ser o agente motivador de medidas as quais no mínimo merecem atenção. Segue o exemplo de mulheres que, após descobrirem apresentar o fator de risco para o câncer de mama, decidiram-se pela mastectomia preventiva, ou seja, optaram por retirar os seios, sem nem mesmo apresentarem a doença. É o caso de Sally Maguire, citado anteriormente, que aos 43 anos decidiu retirar os dois seios saudáveis devido à incidência de casos de câncer na família. A mesma mulher, aos 28 anos, passou por uma histerectomia para evitar o câncer nos ovários¹¹.

A mídia noticia histórias como esta em tons de espanto e os profissionais de jornalismo não atentam para o fato de que o próprio conteúdo que veiculam sobre ciência, muitas vezes associado a fatores de risco para doenças, pode ser grande incentivador deste tipo de comportamento por parte de determinados indivíduos, como Sally.

Pela herança genética e por nossos hábitos, somos todos portadores de virtualidades de adoecimento e morte prematura. A confirmação patética dos efeitos deste novo modo de se exercer o poder nos é dada pelo caso de uma mulher americana que, mesmo sem ter qualquer tumor, mas devido ao fato de sua mãe, tia e irmã terem morrido de câncer no seio, preferiu realizar a mastectomia. A confirmação trágica, cada um de nós a experimenta: a ansiedade cotidiana com que nos relacionamos com os objetos e atos que nos dão prazer (VAZ, 1997, p.08)¹².

¹¹ Disponível em < <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,britanica-retira-dois-seios-saudaveis-para-evitar-cancer,740384,0.htm> > . Acesso em 06 de novembro de 2011.

¹² Disponível em < <http://www.pos.eco.ufrj.br/docentes/publicacoes/pvaz4.pdf> > . Acesso em 25 de outubro de 2011.

Assim, a superexposição do fator de risco na mídia pode tanto ajudar na prevenção de doenças como ter vínculo com o desenvolvimento de certo fanatismo por parte dos indivíduos, no que diz respeito à busca por uma espécie de corpo-escudo, imune a qualquer que seja a ameaça apresentada.

Importante destacar que, na busca última pela imortalidade, é feita a extração do seio para a prevenção da doença, e a reconstrução artificial do mesmo. E o processo cirúrgico de reconstrução é feito não só para a autossatisfação da mulher em relação à sua feminilidade, mas também e não menos essencialmente para sua aceitação em uma sociedade que cultua o corpo. Portanto o fator de risco aparece como chave para se evitar os males que assolam a população e vem conjugado com alternativas de cuidados estéticos, sempre que necessário, quando a imagem agradável e desejável do corpo está ameaçada.

6. ESTUDO DE CASO DA REVISTA *VEJA*: COMO O VEÍCULO ABORDOU A TEMÁTICA “CÂNCER DE MAMA” DE 2001 A 2011

Após a análise teórica acerca da forma como a ciência é retratada pela mídia, considerando fatores como a espetacularização, o juízo de verdade, o uso dos peritos, o critério de seleção das pautas e o fator de risco na mídia, é apresentado a seguir um estudo de caso da revista *Veja*, que avalia como o veículo abordou a temática “câncer de mama” entre os anos de 2001 e 2011.

O câncer de mama foi escolhido primeiramente por ser a doença que mais mata mulheres no Brasil e, portanto, representar um desafio para a ciência e a medicina. Tal característica o torna um tema de grande importância para a abordagem por parte do jornalismo científico. A doença também está muito relacionada ao fator de risco, bastante presente na mídia, como analisado no capítulo anterior. Além disso, o câncer de mama é chocante não só por danificar o organismo e o corpo como qualquer outro câncer, mas especialmente por mexer de forma brutal com a estética feminina. Mais do que qualquer outro tipo de tumor, ele abala o psicológico da mulher, sempre cobrada a estar de acordo com os padrões de beleza da sociedade, que mais do que nunca cultua o corpo. Também é uma doença cujo tratamento evoluiu significativamente nos últimos vinte anos, apesar de essencialmente depender do diagnóstico precoce para a cura.

A revista *Veja* foi escolhida por ser a de maior circulação no Brasil e porque, de forma geral, traz mais de um perito em uma única matéria, apresenta porta-vozes de diferentes instituições, mostra estudos variados sobre um mesmo assunto e chega a tratar muito precariamente das contradições no âmbito da ciência. No entanto, não é um veículo completamente isento de sensacionalismo e o fato de apresentar diferentes especialistas e instituições em uma única reportagem não assegura a presença de distintos pontos de vista.

Neste período, foram analisadas apenas as matérias em que o câncer de mama era o foco, ou pelo menos um dos principais assuntos abordados. No total, foram 20 matérias e 3 notas com este perfil. Todo o conteúdo foi pesquisado e acessado no *Acervo Digital da Veja*¹³.

Além destas 23 abordagens, outras oito reportagens sobre hormônios femininos relacionaram a reposição hormonal ao aumento do risco de câncer de

¹³ Disponível em < <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> > . Acesso durante todo o período de produção deste trabalho, entre julho e novembro de 2011.

mama, sem maiores aprofundamentos. Três matérias com foco em genética apenas citaram a doença. E outras onze somente mencionaram o câncer de mama, normalmente dizendo que alguma celebridade já havia tido, ou superado. Uma matéria associou o consumo de cigarro a um possível aumento de risco de câncer de mama. E uma última associou o consumo de pílulas anticoncepcionais ao aumento do fator de risco para a doença também. Ou seja, há um total de 23 matérias focando em câncer de mama e outras 24 apenas citando a doença quando fala de assuntos relacionados, como genética e reposição hormonal.

6.1 Análise das reportagens

Cada uma das 20 matérias e 3 notas foi avaliada individualmente e a análise serviu de base para a apresentação de um panorama conclusivo sobre como a *Veja* retratou a temática do câncer de mama entre 2001 e 2011. Abaixo, segue o que foi analisado acerca de cada reportagem e nota, conteúdo que se reflete em dados e informações que serviram de base para as observações finais, que seguem no subtópico 6.2 deste penúltimo capítulo do trabalho. O conteúdo está em ordem anticronológica.

A matéria do dia 23 de junho de 2010, “Medicina – Uma vitória da Vida”, sobre redução do número de mortes por câncer, quando menciona câncer de mama utiliza o exemplo da atriz norte-americana Christina Applegate, que teve de fazer mastectomia radical nas duas mamas. Em relação ao panorama dos dados referentes ao câncer no Brasil, quem fala é o oncologista Sergio Simon, do Hospital Albert Einstein. Sobre o aumento do tempo de vida há aspas de Bernardo Garicochea, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Falando a respeito do desenvolvimento de vacinas aparece o oncologista Gustavo Guimarães, do Hospital A. C. Camargo. Há também um quadro comparativo entre anos 90 e hoje em relação à chance de cura e maior sobrevida. O câncer de mama aparece em segundo lugar, com aumento de 15% (pula de 80 para 95%) no primeiro item e de 3 anos no segundo (vai de 2 para 5 anos).

A matéria “O labirinto é a saída”, de 21 de julho de 2010, fala sobre doentes de câncer em estágio terminal que esperam servir de cobaia em estudos de novos tratamentos. O destaque para o câncer de mama está no quadro “De olho no aqui e no agora”, que fala sobre o trabalho de Antonio Wolff, oncologista brasileiro, pesquisador da Universidade de John Hopkins, especializado em câncer de mama, que

procura medidas para melhorar a vida das pacientes no presente. Ele aponta a necessidade de se padronizar os critérios adotados por laboratórios de análise em mulheres com a doença, para que os resultados sejam mais precisos.

No dia 29 de setembro de 2010 foi publicada uma nota sobre a campanha mundial de prevenção ao câncer de mama, “Outubro rosa”, em que alguns pontos turísticos do Brasil e de outros países ganham a cor rosa, fazendo referência ao movimento.

Matéria sobre alimentação, do dia 24 de novembro de 2010, sugere que alimentos ricos em isoflavona, como inhame e soja, ajudam na prevenção do câncer de mama.

Na reportagem “Médicos ou economistas?”, da revista *Veja* de 25 de novembro de 2009, é colocada uma discussão sobre a idade e periodicidade ideal para a mamografia. A força-tarefa *U.S. Preventive Services Task Force*, baseada nas diretrizes de saúde nos Estados Unidos, propôs que o exame fosse feito somente a partir dos 50 anos, bienalmente, enquanto antes dessa resolução aconselhava-se a mamografia anual, a partir dos 40 anos. São ouvidos três mastologistas de diferentes instituições (Instituto Brasileiro de Controle do Câncer, Hospital Sírio-Libanês e Hospital A.C. Camargo). Todos apontam razões para que se mantenham as orientações de realização anual da mamografia a partir dos 40 anos. Assim, a matéria ouviu diferentes fontes, que mostraram ser essa a indicação ideal. No entanto, na reportagem, os resultados do estudo da força-tarefa são relacionados a interesses econômicos, pois a redução do número de exames de mamografia por ano, de acordo com a nova regra, reduziria significativamente gastos dos cofres públicos. Talvez coubesse ouvir a voz de um especialista em economia, para ver se ele confirma a hipótese ou não. Além disso, era preciso também ouvir algum especialista que apoiasse a mamografia a partir dos 50 anos, para que se entendessem mais motivos pelos quais a hipótese de mudança na faixa-etária fundamental do exame foi levantada.

Observamos ainda, nesta matéria, a atenção voltada para o fator de risco, visto também que ela apresenta um rodapé basicamente destinado a expor dados relacionados ao risco, como, por exemplo, “a probabilidade de ter a doença triplica com relação às mulheres de 30 anos” e “a mamografia reduz em 15% a mortalidade entre mulheres na faixa dos 40 aos 49 anos – contra 14% na faixa dos 50 anos”.

A matéria “Testes genéticos para 140 milhões”, de 10 de dezembro de 2008, fala sobre a previsão de inclusão de aconselhamento genético e exames de DNA no Sistema Único de Saúde (SUS). O texto relata que é possível determinar a probabilidade de uma mulher com histórico de câncer de mama na família ser acometida pelo mesmo mal, para que se possa controlar com mais precisão os fatores de risco para a doença. No entanto, representante da Secretaria de Atenção à Saúde diz que isso geraria paranoia entre as mulheres e que não seria possível atender a todas. A matéria também escuta dois geneticistas e um deles defende a inclusão de testes genéticos até para futura redução de gastos com tratamentos. Está é a única matéria em que fica clara a divergência de opiniões entre os peritos que ganham aspas. No entanto, vale destacar que o representante da Secretaria de Atenção à Saúde claramente está defendendo os interesses do Ministério da Saúde.

Intitulada “O câncer que some”, a coluna de André Petry de 3 de dezembro de 2008 mostrou uma matéria que divulga pesquisa publicada no *Archives of Internal Medicine*, que aborda a hipótese da cura espontânea do câncer. Apesar de o colunista ressaltar que é só uma hipótese e que a mamografia deve continuar sendo feita, o que mais ganha destaque é a possibilidade de um câncer de mama agressivo desaparecer sem que seja feito nenhum tratamento. Apenas quando se pronuncia H. Gilbert Welch, um dos médicos responsáveis pela pesquisa, depois de metade da matéria, é que ele diz tratar-se de uma hipótese. Ou seja, quem não lê a matéria quase até seu fim pode criar uma ideia distorcida da mensagem a ser passada.

Na matéria de 1º de outubro de 2008, a jornalista Joyce Pascovitch relata seu drama desde que descobriu ter câncer de mama até o final do tratamento, contando sua experiência com a doença nos mais variados setores da vida e passando uma mensagem de força e esperança diante do que ela passou. Na entrevista, ela menciona que tem mais de 50 anos e nunca amamentou, o que é um fator de risco para a doença.

No dia 27 de agosto de 2008, na matéria “A escolha de Christina”, *Veja* mostra um apurado de celebridades que tiveram câncer de mama, com foco na atriz Christina Applegate, que teve de fazer uma mastectomia dupla aos 36 anos. Na matéria, aspas de João Carlos Sampaio Góes, diretor científico do Instituto Brasileiro de Controle do Câncer, que havia falado a respeito do tema há pouco tempo na revista. Também é ouvido um médico do Hospital Albert Einstein, Auro del Giglio, que explica sobre a doença e a probabilidade das duas mamas serem afetadas. Um professor da Universidade Federal de São Paulo também é ouvido, ressaltando

quando não deve ser retirada a mama, que normalmente é em caso de mulheres muito jovens, que ainda não tiveram filhos. Médica do Hospital do Câncer de São Paulo também fala sobre exame preventivo, e ressalta que no Brasil o custo é muito alto para mulheres com menos de 40 anos. Na mesma edição, Auro del Giglio, do Hospital Albert Einstein, também ganha voz em uma matéria sobre câncer de cérebro, “A química da esperança”, sendo que nesta ele aparece identificado como neurologista, enquanto na outra ele está denominado coordenador do Programa de Oncologia do Hospital.

Em uma reportagem especial sobre câncer, no dia 5 de março de 2008, na parte “Parece, mas não é”, o foco é que o índice de mulheres que fazem mamografia no Brasil é bom, no entanto, a mortalidade pela doença vem aumentando, devido à detecção tardia. É mencionado um levantamento estatístico do Ministério da Saúde e fala uma médica do Hospital do Câncer.

Em matéria especial do dia 14 de novembro de 2007, sobre exames diagnósticos, diz-se que a técnica mais precisa para rastrear nódulos em tecidos moles, como é o caso do câncer de mama, é através da ressonância magnética. Posteriormente, em uma espécie de quadro-resumo dos exames, recomenda-se a mamografia aos 35 anos, para posteriores comparações do exame com os futuros. Nas partes referentes ao câncer de mama, não há citações de fontes ou especialistas.

A reportagem “Muito bife e pouco doce”, de 26 de setembro de 2007, procura relacionar dieta e câncer a partir de uma pesquisa alemã da Universidade de Würzburg, que observou que o consumo de carboidratos pode favorecer o crescimento de células cancerígenas. Na matéria, uma oncologista brasileira do Hospital do Câncer A.C. Camargo ressalta que a relação é válida apenas para alguns tipos de tumor, como de cérebro e de pâncreas. No quadro abaixo da matéria, de alimentos do mal e do bem, as frituras entram como vilãs que propiciam o câncer de mama, devido ao estímulo da produção de estrógeno, hormônio que serve de combustível para os tumores mamários.

Na matéria “Jovens por mais tempo”, de 25 de outubro de 2006, sobre envelhecimento em forma, é dito que, a partir dos 25 anos, é preciso que se realize a mamografia, caso haja casos de câncer de mama na família, dentre outros conselhos, para que se envelheça de forma saudável e aparentando menos idade. Não há a fonte de onde foi retirada essa informação. A foto é da atriz Suzana Vieira, que seria o exemplo de bom envelhecimento, já que tinha 64 anos na época e era recém-casada

com um homem jovem, o que mostra que, apesar da idade avançada, é possível ainda ser desejável. No entanto, o discurso dela vai contra as instruções da matéria, pois ela diz que come de tudo, exceto açúcar, e não calcula nada no sentido de cuidado e prevenção.

A matéria “Rumo ao tratamento individual – teste de análise genética indica as pacientes com câncer de mama com maiores chances de se beneficiar da quimioterapia”, de 4 de outubro de 2006, aborda a necessidade de individualização do tratamento e os avanços da medicina no sentido de proporcionar os cuidados ideais para cada mulher. A doença evolui de forma diferente entre as mulheres e o melhor tratamento nem sempre será o mesmo para duas pessoas que possuem exatamente o mesmo tumor. A matéria divulga um teste de mapeamento genético do tumor, desenvolvido na Universidade de Brown, nos Estados Unidos. Um oncologista do Hospital Albert Einstein explica que a técnica promete revolucionar o tratamento deste tipo de câncer e diz acreditar que metade das pacientes, em média, é submetida desnecessariamente à quimioterapia. A matéria também divulga outra pesquisa, desta vez da Universidade de Texas, que desvendou os mecanismos pelos quais o hormônio estrógeno alimenta o câncer de mama. Dessa vez, fala um pesquisador da PUC-RS, que afirma que a pesquisa abre portas para o desenvolvimento de novas drogas para combater a doença. Por fim, o repórter cita estatísticas otimistas para a luta contra a doença no Brasil, afirmando que desde os anos 80, a mortalidade por câncer de mama foi reduzida em 40% nos grandes centros de tratamento. Há ainda um quadro com os possíveis tratamentos e suas estatísticas de combate à doença.

Na matéria “Deixou de ser raro – câncer de mama em mulheres com menos de 35 anos: um diagnóstico que passou a ser mais comum”, de 9 de agosto de 2006, o foco é atentar para o aumento do número de casos do câncer de mama em mulheres jovens. Há um quadro apontando motivos para esse aumento, com créditos para os mastologistas. A matéria usa a personagem Kamila, que teve câncer de mama aos 21 anos, fez mastectomia no seio afetado, e, em seguida, no outro, para que não viesse a desenvolver nenhum tumor posteriormente. É divulgada pesquisa realizada no Hospital do Câncer A.C. Camargo, que mostrou que de 1999 a 2004 quadruplicou o número de jovens com a doença. A matéria dá voz a um pesquisador responsável pelo trabalho, a um mastologista da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e a um epidemiologista da Fundação Oswaldo Cruz, que alerta para a investigação

dos fatores de risco. Por fim, não deixa de apontar estatísticas de maior possibilidade de cura com o diagnóstico precoce.

A reportagem especial de oito páginas “Os triunfos do câncer de mama”, de 17 de novembro de 2004, foi a maior das matérias publicadas na revista *Veja* sobre o tema. O principal foco é a redução da mortalidade por câncer de mama. A matéria mostra estatísticas da redução feitas pela União Europeia e publicadas na *Annals of Oncology*, em abril de 2004. Alerta para a importância do diagnóstico precoce e do autoexame nessa redução, além do desenvolvimento de melhores remédios e técnicas de diagnóstico mais precisas. A reportagem também menciona a cirurgia de extração do tumor, que passou a ser menos drástica, pois antes removia inclusive os músculos do peitoral. Há um quadro mostrando avanços decisivos na prevenção, diagnóstico e tratamento da doença. As fontes das informações são dois oncologistas do Hospital Albert Einstein, em São Paulo. Aparecem aspas de dois especialistas do Albert Einstein e do italiano Umberto Veronese, do Instituto de Oncologia de Milão. Há um quadro que ressalta a importância da genética e as perspectivas nessa área para o combate ao câncer de mama, com aspas de oncologista do Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo. E outro com a probabilidade de cura, de acordo com a idade. Há o testemunho de Vitoria Raca, uma mulher de 61 anos que teve câncer em um dos seios há 20 anos, e no outro, há 3 anos da data da matéria. Há também outro impressionante depoimento de Deborah Tambellini, de 36 anos, que teve mãe, tia, avó e duas irmãs acometidas por câncer e se decidiu pela mastectomia radical preventiva, que retira os dois seios, antes de contrair a doença. Nas vésperas da operação ela descobriu que, de fato, estava se formando um tumor maligno em um de seus seios. Fez quimioterapia depois da intervenção e inserção de próteses e ficou curada.

A matéria “Termômetro de mama”, do dia 1º de setembro de 2004, tem como foco um aparelho capaz de identificar a presença de tumores através do monitoramento das mudanças de temperatura das mamas. “Médicos discutem a eficácia de um aparelho que promete detectar tumores malignos em fase inicial” é o subtítulo, que trata de uma promessa, no entanto, gera uma expectativa que vai além daquilo que realmente representa. Hoje não vemos esse aparelho e o especialista do Hospital do Câncer que fala na matéria, diz apenas que não há eficácia comprovada sobre o *BreastCare*, como foi batizado por seu criador, Zsigmond Sagi. Só há aspas de um especialista.

Em matéria especial sobre tumores, de 26 de novembro de 2003, o câncer de mama é apontado como principal causa de morte entre as mulheres, além de ser uma das doenças que mais reincide. A reportagem cita novo medicamento desenvolvido no Instituto Nacional do Câncer do Canadá, que diminui as chances de reincidência da doença depois de 5 anos do diagnóstico inicial. O mastologista Luiz Gebrim, que ganha aspas na matéria, diz que faltam estudos sobre efeitos colaterais. O foco também se encontra nos cânceres de pulmão e de próstata. O texto ressalta a importância de hábitos saudáveis para a redução do risco de se desenvolver tumores e aponta novos fármacos para o combate do câncer. Há um destaque para a personagem Andrea Cavani, que descobriu o câncer de mama aos 35 anos, enquanto amamentava. É o único personagem que aparece na matéria, que aborda vários tipos de câncer. A mídia parece explorar casos desse tipo de câncer possivelmente por ser mutilador e devastador de forma muito particular. Além de todos os sintomas físicos da doença, o câncer de mama atinge a mulher em seu emocional e sua feminilidade. Num mundo em que a estética é supervalorizada, a vítima do câncer de mama precisa, além de travar uma guerra contra a doença, se aceitar, sabendo que vive em uma sociedade que tem a beleza do corpo como um padrão e uma referência.

Na matéria “Diabetes: outra má notícia”, do dia 9 de julho de 2003, é divulgada uma pesquisa da Universidade de Harvard, que mostra que o diabetes tipo 2 pode levar ao surgimento do câncer de mama. Endocrinologista e pesquisador da Universidade de São Paulo afirma que este é o primeiro trabalho que mostra, com propriedade, a influência de uma doença sobre a outra. Cardiologista do Instituto do Coração de São Paulo fala sobre a relação do diabetes com doenças cardiovasculares. Há também um quadro chamado “Uma grande ameaça”, que aponta, além do câncer de mama, outros problemas que podem estar associados ao diabetes tipo 2, como infarto e insuficiência renal.

Nota do dia 29 de janeiro de 2003 fala sobre pesquisa da Universidade de Kansas, que constatou que escrever sobre as emoções pode melhorar os resultados do tratamento na fase inicial do câncer de mama. Por isso, o título é “Diário contra o câncer”. Não há aspas.

Matéria de 4 de setembro de 2002, intitulada “Revisão de genes”, divulga estudo que sugere que o peso das mutações genéticas como fator de risco para o câncer de mama pode não ser tão grande quando se acredita na área da ciência. O estudo é do Memorial Sloan-Kettering Cancer Center, de Nova Iorque, nos Estados

Unidos. As aspas são do coordenador da unidade de aconselhamento genético e prevenção do câncer do Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, que acredita que a pesquisa deve ser vista de forma otimista. Essa matéria antecede outras que apontam a genética como um grande fator de risco para o câncer de mama, no mesmo veículo. Por fim, a matéria diz que a doença está fortemente associada aos piores aspectos de vida da modernidade, como o sedentarismo e a má alimentação.

Nota do dia 27 de março de 2002 divulga criação de teste de saliva que reconhece proteína associada ao desenvolvimento de câncer de mama, que pode ser útil para o diagnóstico precoce da doença. O trabalho é do University of Mississippi Medical Center.

Nota do dia 17 de fevereiro de 2002 anuncia que o Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos fixou a idade de 40 anos como a ideal para início da realização da mamografia. A nota sugere que a definição é cabida e aponta dados da importância do diagnóstico e do exame.

A matéria do dia 6 de dezembro de 2002, “Nesta etapa, a vitória é quase certa”, associa o autoexame das mamas como grande aliado do diagnóstico precoce, que por sua vez aumenta as chances de cura da doença. A matéria tem foco na atriz Patrícia Pillar, que através do autoexame detectou um caroço no seio, procurou ajuda médica e descobriu o câncer de mama. As aspas do especialista são do oncologista do Hospital do Câncer de São Paulo, Agnaldo Anelli, que relaciona a maior incidência da doença em mulheres jovens aos hábitos de vida da modernidade. A matéria contém um quadro de título “Quanto mais cedo, melhor”, que teve como fonte o oncologista André Murad, professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O quadro associa as chances de cura ao estágio do tumor, não só nas mamas, mas também em outras partes do corpo como pulmão e estômago. A matéria também fala do interesse da ciência pelo câncer de mama, aborda medicamentos e o horror ao seio extirpado. No caso de medicamentos, a matéria divulga um estudo de drogas da Universidade de Aberdeen, na Escócia, que mostra que algumas químicas podem ser úteis para evitar a retirada total da mama. Ainda é divulgado um estudo do Instituto Europeu de Oncologia, coordenado pelo mastologista Antonio Frasson, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), sobre a aplicação da radioterapia simultaneamente à cirurgia, que vem sendo responsável por excelentes resultados. Por fim, fica ressaltado que as estatísticas sobre a doença estão tristes no Brasil, pela falta de diagnóstico precoce, e o especialista Jacob Kligerman, do

Instituto Nacional do Câncer, diz que esta é uma lição a ser aprendida. A matéria também traz quadro de estatística e fotos legendadas de celebridades norte-americanas que fizeram mastectomia radical ou retiraram parte do seio.

6.2 Observações e dados conclusivos

No estudo de caso da *Veja*, foram levados em consideração os aspectos trabalhados na análise teórica da abordagem da ciência pela mídia. A revista parece ter buscado múltiplas fontes, além de instituições e estudos diferenciados para apresentar nas reportagens. Também trouxe personagens e dados numéricos para complementar e humanizar as informações na maioria das matérias. No entanto, isso não garantiu que diferentes pontos de vista fossem confrontados em uma única matéria, e aí está a maior problemática no caso da *Veja*. Garantir a voz de diversos especialistas numa única matéria não significa necessariamente assegurar que a matéria será imparcial, pois todas as fontes podem estar a serviço de um único ponto de vista e ideologia. A *Veja* normalmente fez uso de mais de um especialista na reportagem para falar sobre aspectos diferentes de um mesmo tema, o que também pode camuflar a ideia de diversidade, mas não atende a necessidade de confronto de pensamentos acerca de uma mesma questão que perpassa o tema abordado. Por exemplo, numa matéria sobre câncer de mama um especialista pode falar sobre a mamografia e outro sobre medicamentos. Isso não significa trazer pontos de vista diversificados, mas sim pontos de vista sobre diferentes questões.

Das 23 matérias (3 delas foram notas), 15 trouxeram aspas de especialistas. Dessas 15, 9 apresentaram de 2 a 4 peritos.

O fator de risco, altamente relacionada à temática do câncer de mama, conforme já mencionado, se faz presente em 16 das 23 abordagens da doença. Isso comprova a importância do estudo do fator de risco na mídia, e o conteúdo analisado serviria de bases para futuras pesquisas nessa área. Fatores como genética, hábitos saudáveis, ausência de vícios como cigarro, alimentação e exercícios físicos aparecem sempre relacionados ao risco do desenvolvimento da doença nas matérias. Há uma preocupação em mostrar ao leitor o risco e o que se deve fazer para diminuir o tamanho desse risco ou mesmo eliminá-lo.

Das 20 reportagens e 3 notas, 10 apresentam estudos ou pesquisas relacionados ao câncer de mama. Dessas 10, 2 mostraram mais de um trabalho. E 13 entre as 23 abordagens apresentaram mais de uma instituição representada no texto.

Foram 8 matérias com personagens, sendo uma delas a entrevista com a jornalista Joyce Pascovitch, que contou toda sua trajetória com a doença. Os relatos dos personagens são sempre emocionantes e contam casos de superação e esperança. O mais chocante deles foi o de Deborah Tambellini, de 36 anos, que teve mãe, tia, avó e duas irmãs acometidas por câncer e se decidiu pela mastectomia radical preventiva, ou seja, antes de contrair a doença. O relato dessa personagem foi redigido pela jornalista Paula Neiva, entrevistada para o presente trabalho¹⁴. A entrevista, feita em 2003, marcou a jornalista, que se lembra dos detalhes mesmo 8 anos após o encontro com Deborah.

Dez entre as 23 abordagens apresentam quadros com dados numéricos e estatísticos acerca da doença, conferindo credibilidade ao discurso do texto, estratégia bastante adotada pelo jornalismo científico.

São válidas críticas à matéria “O câncer que some”, da coluna de André Petry de 3 de dezembro de 2008, que aborda a hipótese de cura espontânea do câncer. A matéria é sensacionalista e pode trazer consequências graves, como o desestímulo do paciente de câncer frente ao tratamento, já que pode ser curado “espontaneamente”. A reportagem precisaria no mínimo expor voz de mais um especialista além daquele que realizou o estudo que chegou à hipótese divulgada.

Observa-se também que o Hospital Albert Einstein veicula anúncios publicitários na revista *Veja*, inclusive sobre Oncologia. Especialistas desse hospital estão presentes em quase todas as matérias da *Veja* sobre câncer de mama entre 2001 e 2011 e pode-se considerar a hipótese, apesar do gabarito do hospital, que é referência em oncologia, de haver algum tipo de interesse vinculado à escolha dos peritos pela *Veja*.

Vale destaque também para a matéria “Jovens por mais tempo”, de 25 de outubro de 2006, cujo conteúdo é a melhor personificação do atual estudo, já que fala da necessidade de prevenção ao câncer de mama e deixa clara a ideia de busca pela imortalidade e pelo corpo aparentemente jovem e desejável.

A entrevistada Paula Neiva destacou que a revista *Veja* aborda a ciência de forma mais aprofundada e fiel aos preceitos do jornalismo pelo próprio caráter das reportagens, normalmente de longo fôlego, que exigem apuração minuciosa. Segundo ela, o conteúdo do jornalismo online sobre ciência costuma ser mais pontual e ouvir

¹⁴ NEIVA, Paula. *Entrevista*. 21 de novembro de 2011. Anexo I.

menos fontes até pelo tipo de mídia e caráter dos sites. A jornalista acredita que o conteúdo online é uma boa fonte de pesquisa e extração de ideias, não só para o jornalismo científico, mas para qualquer especialização.

Mostrou-se válida então a ideia de analisar um pouco do conteúdo online da *Veja* sobre o câncer de mama, para se verificar como se aplica na prática o que foi dito pela jornalista e comparar as diferentes abordagens em suportes distintos de um mesmo veículo de comunicação. Seguem análises de duas reportagens do site *Veja Online*.

No dia 31 de outubro de 2011 foi publicada a matéria “7 orientações para reduzir morte por câncer de mama”, com foco nas novas orientações para diagnóstico e tratamento da doença, do Instituto Nacional do Câncer. O principal objetivo é divulgar as 7 novas orientações e não há nenhum discurso, direto ou indireto, de especialistas.

Matéria do dia 2 de novembro de 2011 aborda estudo que afirma que o consumo de bebidas alcoólicas eleva em 15% as chances de se desenvolver tumores de mama. Há aspas de Wendy Chen, uma das pesquisadoras responsáveis pela pesquisa, do Hospital Brigham and Women, em Boston. A matéria tem um quadro que mostra pesquisas que associam benefícios ao consumo, normalmente moderado, de álcool, como uma espécie de contraponto. Há um parágrafo na matéria explicando que o estudo é observacional e que os pesquisadores não conseguem afirmar com certeza que o álcool é responsável pelos riscos do câncer de mama. A matéria também aponta a relação entre bebidas alcoólicas e doenças do coração. Também são citadas outras doenças e distúrbios que nunca devem coexistir com o consumo de álcool, como úlcera e pancreatite.

Tanto no primeiro texto analisado como na maioria das matérias online de diversos veículos, a voz dos peritos nem sempre se faz presente em aspas. No segundo texto, sobre álcool e tumores, só aparece a voz da especialista responsável pela pesquisa. Ou seja, raramente há uma matéria online sobre ciência apontando mais de um perito. São matérias mais sucintas e quase nunca se mostram tão relevantes quanto ao conteúdo que se encontra no jornalismo impresso. Paula Neiva acredita que isso ocorre pela liberdade de espaço que a internet possibilita. A diferença no conteúdo como consequência da diferença de suportes (impresso e online), se mostrou presente na *Veja*.

Seguem gráficos de análise percentual, cada um referente ao total de 23 abordagens, em relação a cada critério avaliado:

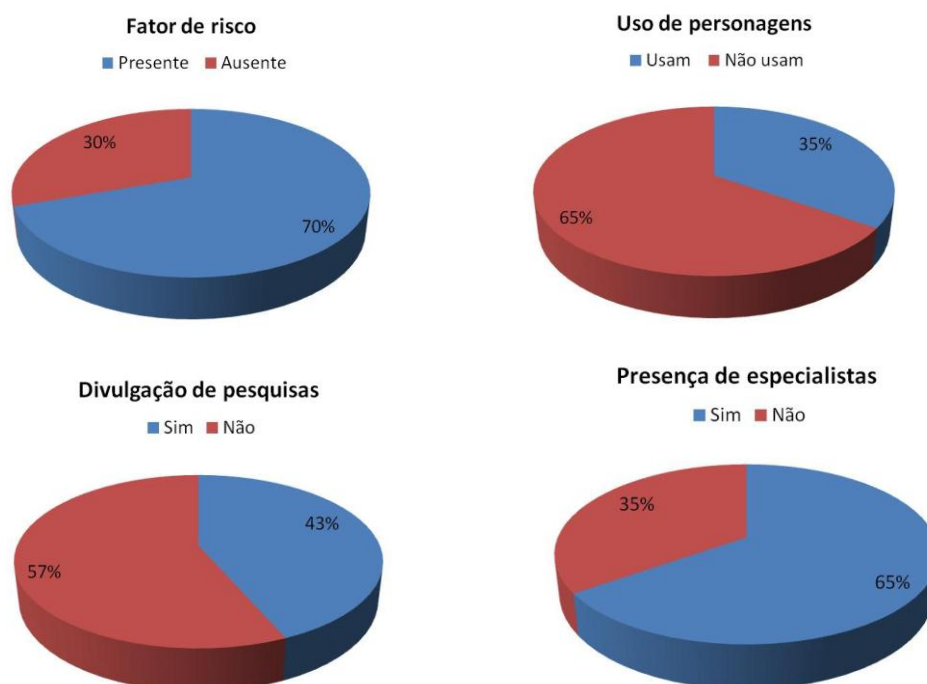


Figura 4 – Gráficos com o percentual de matérias, entre as 23 analisadas, que apresentam ou não o fator de risco, a voz de especialistas, divulgação de pesquisas e uso de personagens. Foram gerados pela própria autora do trabalho.

7. CONCLUSÃO

O presente trabalho analisou a forma como a ciência é retratada pela mídia, considerando os aspectos: definição de pautas, uso de peritos, seleção de aspas do perito, fator de risco na mídia, corpo como temática de interesse, espetacularização e juízo de verdade atribuído à ciência. Conclui-se que os jornalistas que escrevem sobre ciência precisam rever como procedem nos pontos referentes à técnica jornalística, como a seleção das pautas, das fontes e do que entrará na matéria, entre todas as informações fornecidas pelos especialistas em entrevistas. A ciência e a voz do especialista, ao contrário do que acontece, não devem ser atribuídas a um valor de verdade absoluta.

Por isso, cabe ao jornalista atuar mais coerentemente com os preceitos básicos do jornalismo, trazendo pontos de vista variados sobre o que escreve e investigando mais sobre o que os especialistas dizem. É preciso ter em mente que os cientistas também são passíveis de erros e não estão isentos de interesses.

Após análise de caso sobre a abordagem da temática “câncer de mama” pela revista *Veja*, conclui-se que o veículo pareceu dar voz a mais de um especialista e trouxe a representação de diversas instituições de referência enquanto tratou do tema entre os anos de 2001 e 2011. No entanto, isso não garantiu a imparcialidade do veículo, já que três especialistas podem ostentar a mesma opinião em uma única matéria, como no caso da reportagem que fala sobre a força-tarefa que propõe a mamografia a partir dos 50 anos, e não mais dos 40. Entende-se que a questão passa a ser ouvir diferentes pontos de vista, e não necessariamente diferentes especialistas. A *Veja* só trouxe a divergência de opiniões de forma clara, como anteriormente mencionado, em uma única matéria: “Testes genéticos para 140 milhões”, de 10 de dezembro de 2008.

Assim, após verificação de parte da bibliografia referente ao pensamento sobre ciência e mídia, fica claro que ainda é necessária muita pesquisa e desenvolvimento de conhecimento nesta área. E também se mostra evidente a necessidade de esforços por parte dos jornalistas e especialistas no sentido de levar ao público leigo um jornalismo científico de maior qualidade e mais imparcial, sobretudo.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMCZYK, Julio, org. - Memória: 4o. Congresso Ibero-Americano e do 1o. Congresso Brasileiro de Jornalismo Científico, São Paulo, ABJC, 1984, p. 143-

ALMEIDA, Gastão Thomaz de - O campo de atuação do Jornalismo Científico, In:

AMARAL, Márcia Franz. Jornalismo popular. São Paulo: Contexto, 2006.

AMORIM, Luís Henrique; MASSARANI, Luisa. Jornalismo científico: um estudo de caso de três jornais brasileiros. *Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia*, Ponta Grossa, v.1, n.1, p.73-84. 2008.

ARANHA, M.L.A; MARTINS, M.H.P. Filosofando: introdução à filosofia. 2ªed. São Paulo: Moderna, 1993.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Ente a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BARBEIRO, Heródoto. Mídia training: como usar a imprensa a seu favor. São Paulo:

BAUDRILLARD, J. A Ilusão Vital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BOURDIEU, P. A Dominação Masculina. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.

BRANDÃO, J.S. Mitologia grega. 11ªed. Petrópolis: Vozes, 1997. v. I. CHAUI, M. Convite à filosofia. 12ª Ed. São Paulo: Ática, 1999.

BUENO, Wilson. As sementes da discórdia – o debate sobre os transgênicos em 6 importantes jornais brasileiros. Congresso Brasileiro de Comunicação em Agribusiness e Meio Ambiente, 1, São Paulo, 1999.

BURKETT, W. Jornalismo Científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CAMARGO, O. J. R. . Moda, o reconhecimento de status. 2010. Campinas, NUDECRI-UNICAMP, 1997, p. 155-166.

CHARAUDEAU, Patrick. O Discurso das mídias. São Paulo: Contexto, 2006.

CLARK, Fiona; ILLMAN, Deborah L. A longitudinal study of the New York Times Science Times section. *Science Communication*, London, v.27, n.4, p.496-513. 2006.

CONRAD, Peter. Public eyes and private genes: historical frames, news constructions, and social problems. *Social Problems*. Berkeley, vol. 44, nº 2, p. 139-154, 1997.

EPSTEIN, I. Comunicação da Ciência, em São Paulo em Perspectiva, vol. 12, nº4. São Paulo, Fundação Sead, 1998.

EPSTEIN, Isaac. Divulgação científica – 96 verbetes. Campinas: Editora Pontes, 2002_____. As revoluções científicas. São Paulo: Ática, 1987.

FERREIRA, A. B. de H. Novo dicionário da língua portuguesa. 2ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

FLORES, Natália Martins & SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. O projeto SciELO Divulgação como fonte do Jornalismo Científico praticado nas redações jornalísticas. GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010.

FRANÇA, G. M.; RAMIRES, O. A contribuição do jornalismo na popularização da ciência. E-COM REVISTA DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DO UNI-BH, Brasília, DF, 2.5, 14 07 2010. Disponível em: <<http://revistas.unibh.br/ecom/viewarticle.php?id=99>>. Acesso em: 15 mar 2011.

FRANÇA, Martha. “Divulgação ou jornalismo? Duas formas diferentes de abordar o mesmo assunto”. In: VILAS BOAS, Sergio. Formação & informação científica – jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus Editorial, p. 31-48, 2005.

GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide: por uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê, 1988.

GOMES, Isaltina; SALCEDO, Diego. A divulgação da informação científica no Jornal do Commercio. Trabalho apresentado no 2. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 26-27 nov. 2004. Salvador. 2004.

HORGAN, J. (1998). *O fim da ciência: uma discussão sobre os limites do conhecimento humano*. São Paulo: Companhia das Letras.

LAGE, N. 2000. Estrutura da notícia. São Paulo, Ática.

LAGE, N. 2001. Ideologia e técnica da notícia. 3ª ed. Florianópolis, UFSC.

MAGALHÃES, Gildo. “Uma genealogia da falsidade.” Prefácio. In: TOGNOLLI, Claudio. **A falácia genética– a ideologia do DNA na imprensa**. São Paulo: Escrituras, p. 7-11, 2003.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, Pontes, 1987.

MARQUES DE MELO, José - Estudos Avançados em Jornalismo: Estratégias da

MARQUES DE MELO, José - Hipólito da Costa, precursor do jornalismo científico no Brasil, Anuário de Jornalismo, N. 2, São Paulo, Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, 2000, p. 150-171.

MARQUES, C. G. ; Waitzberg DL . Fibras Alimentares e Câncer. In: Dan LInetzky Waitzberg. (Org.). Dieta, Nutrição e Câncer. 1 ed. São Paulo: Atheneu, 2004, v. 1, p. 156-162.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. De los Medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía. México: Gustavo Gilli, 1987.

MASSARANI, Luísa. Admirável mundo novo: a ciência, os cientistas e a dupla hélice sob o olhar de estudantes. 296 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

MEDEIROS, Flavia Natércia da Silva. Transgênicos: a qualidade da informação nos jornais brasileiros. 402 p. Tese (Doutorado em Comunicação Social), Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2004.

MESERANI; DI GIORGI et alii. 1975. Redação Escolar e Criatividade, 7ª. série. São Paulo, Saraiva.

MOREIRA, Ildeu. e MASSARANI, Luisa. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. In: MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu; BRITO, Fatima (org.). Ciência e público – caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ, p. 43-64, 2005.

MOTTA, L. G. (org.). 2002. Ideologia e processo de seleção de notícias. In: Imprensa e poder. Brasília, Editora Universidade de Brasília. São Paulo, Imprensa Oficial.

OLIVEIRA, F. de. Jornalismo Científico. São Paulo: Contexto, 2002.

OLIVEIRA, Wagner. Descobertas na Banca da Esquina: um estudo de caso sobre a divulgação da ciência em dois jornais populares. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação, Gestão e Difusão em Ciências) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

ORLANDI, E. P. *Divulgação Científica e Efeito Leitor: Uma Política Social Urbana, em Discurso e Texto - formulação e circulação de sentidos*. Campinas, Fontes, 2001.
PARK, Robert. News as a form of knowledge. In: TURNER, Ralph H. (Org.). *On social control and collective behavior*. Chicago: Chicago University Press, 1967.

PEREIRA, Fábio H. O "jornalista sentado" e a produção da notícia *online* no CorreioWeb. *Em Questão*, v. 10, n. 1, p. 95-108, 2004.

PERUZZOLO, Adair. **Elementos de semiótica da comunicação**. Quando aprender é fazer. São Paulo: EDUSC, 2004.

PIPPI, Joseline. **Ciência, tecnologia e inovação**: interdiscursividade jornalística, reformulação discursiva e heterogeneidades. 2005. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2005.

PIPPI, Joseline; PERUZZOLO, Adair. Jornalismo científico e interdiscursividade na popularização da ciência. In: SILVEIRA, Ada Cristina Machado. (Org) **Divulgação científica e tecnologias de informação e comunicação**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2003.

RUBLESCKI, Anelise. Jornalismo científico o dia-a-dia das redações : estudo de caso dos jornais O Globo e JB. 1993. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IBICT-ECO/UFRJ, 1993.

SCHNABEL, Ulrich. God's formula and devil's contribution: science in the press. *Public Understanding of Science*, v. 12, n. 3, p. 255-259, 2003.

SILVA, G. Para pensar critérios de noticiabilidade. *Estudos em Jornalismo e mídia*. Programa de PósGraduação em Jornalismo e Mídia da Universidade Federal de Santa Catarina, 2(1), jul 2005.

SOUSA, J. P. A notícias e seus efeitos. Coimbra, Minerva. 2000.

SPONHOLZ, Liriam. Jornalismo, conhecimento e objetividade: ensaios de teoria do

SZAPIRO, A. O Indivíduo Fora da Cidade. In: **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Ano 3 v.1. Rio de Janeiro, UERJ, Instituto de Psicologia, 2004.

TEIXEIRA, Mônica. “Pressupostos do jornalismo de ciência no Brasil.” In: MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu. e BRITO, Fatima (org.). *Ciência e público – caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ, p. 133-142, 2002.

TUCHMAN, Gaye. Qualitative methods in the study of news. In: JENSEN, Klaus Bruhn & JANKOWSKI, Nicholas W (eds). *A Handbook of Qualitative Methodologies for Mass Communication Research*. 1 ed. London: Routledge, 1991.

TUFFANI, Maurício. “Ciência e interesses – as regras do jogo acima do método e da razão.” In: VILAS BOAS, Sergio. **Formação & Informação Científica – jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus Editorial, p. 49-68, 2005. UNICAMP, Rua, Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade, N. 3,

Vaz, P. (Orgs.). *Construções do tempo e do outro: representações e discursos midiáticos sobre a alteridade*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. p.13-35.

Vaz, P.; Pombo, M.; Pecly, G.; Fantinato, M. O poder do indivíduo diante do sofrimento: representações das doenças cardiovasculares na mídia. In: Freire Filho, J.;

VAZ, Paulo. O corpo-Propriedade. In: FAUSTO NETO, A.; PINTO, M. (org). *Mídia e Cultura*. Rio de Janeiro: Diadorim – COMPÓS, 1997.

WOLF, M. Teorias das comunicações de massa. Traduzido por Karina Jannini. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

ZAMBONI, Lílian Márcia Simões. *Cientistas, Jornalistas e a Divulgação Científica — Subjetividade e Heterogeneidade no discurso da divulgação científica*. 1 ed. Campinas, Autores Associados, 2001.

ANEXO I

Entrevista feita por telefone com a jornalista Paula Neiva, da *Veja*, que já escreveu sobre ciência e tecnologia para o veículo e atualmente é autora da coluna online *Gente famosa, pessoas interessantes e sociedade*. Ela é uma das repórteres da principal matéria analisada neste trabalho - “Os triunfos do câncer de mama”, de 17 de novembro de 2004.

Autora - Como é a mediação entre o que o jornalista apura e o que publica quando escreve sobre ciência?

Paula - Uma matéria requer exercício de apuração muito grande e o que entra no texto é apenas um recorte das entrevistas e tudo aquilo que o repórter pesquisou. E ainda que ele vá apurar apenas sobre um dos tópicos abordados numa reportagem especial, por exemplo, ele precisa entender sobre o assunto de modo global. As matérias de fôlego longo, mas com um prazo pequeno para a entrega, são mais complicadas, pois exigem grande trabalho de levantamento de informações em curto período de tempo, o que requer muita agilidade na apuração e seleção daquilo que se vai publicar. A lógica é sempre pesquisar, apurar, entrevistar e saber muito para se ter subsídios para selecionar o pouco que entrará na matéria.

Autora - O que diria sobre sua experiência com matérias sobre câncer de mama enquanto jornalista da área de ciência?

Paula - Já escrevi muito sobre câncer, minha primeira capa foi sobre essa doença. Inclusive há uma personagem que me marcou bastante, a Deborah Tambellini, que se decidiu pela mastectomia preventiva, pois era quase determinante pelo gene que ela teria câncer de mama. Essa personagem entrou junto a outras numa grande matéria sobre a doença, mas definitivamente foi a que mais se destacou, pois Deborah retirou os seios sem ter a doença de fato. Foi uma entrevista bastante intensa e emocionante. Sempre gostei muito de ciência e saúde e quando se escreve sobre assuntos dessa área o personagem é bastante importante, pois as pessoas gostam muito, se identificam com as histórias. Entender o drama e as razões do personagem antes de escrever é uma função essencial, pois isso se reflete no resultado final. Quando se quer contar uma história, é preciso ir fundo na apuração e no conhecimento de como as coisas

funcionaram na cabeça do entrevistado para que se possa reproduzir isso da forma mais fiel possível.

Autora - O que a levava a buscar mais de uma fonte para uma mesma matéria?

Paula - Não há uma cartilha para o jornalismo científico, é a experiência que leva o jornalista a buscar mais de uma fonte e a procurar instituições respeitadas em relação ao tema que vai abordar. Quando creditamos uma pessoa na matéria é porque devemos entender que ela estudou muito, é atualizada no assunto pautado, frequenta bons congressos e é associada a instituições de referência. Mais do que orientações técnicas e manuais de redação, o que é decisivo é a experiência do repórter.

Autora – Qual acredita ser o motivo para que matérias sobre ciência e saúde tão raramente tragam diferentes fontes e pontos de vista?

Paula - Acho que a principal diferença é o suporte. Uma matéria online raramente será tão aprofundada quanto a publicada em uma revista de grande circulação. A matéria online normalmente trata de assuntos mais pontuais, como a divulgação de um trabalho na área de ciência, trazendo no máximo uma entrevista com o especialista responsável. A internet oferece uma liberdade muito grande e tem uma rotatividade de conteúdo muito maior. Quando se faz uma matéria impressa de longo fôlego, esse conteúdo online serve de base para pesquisas e é bastante útil no processo de produção de conteúdos jornalísticos mais aprofundados. E isso acontece em qualquer tipo de jornalismo, não apenas no científico.

Autora - De forma geral, como considera a abordagem da ciência pela mídia no Brasil?

Paula - Sempre me interessei genuinamente por ciência. Acredito que o jornalismo científico no Brasil é de qualidade e ajuda a desmistificar e quebrar preconceitos em relação a muitas doenças. Além de ser muito útil por auxiliar o leitor na procura pelo tratamento daquilo que o acomete. Sempre existiu o interesse por ciência e tecnologia, mas acredito que atualmente a procura por conteúdo jornalístico referente a essas áreas do conhecimento seja maior e ainda esteja crescendo.